

O Ensino do Radiojornalismo

experiências luso-brasileiras

Luciano Victor Barros Maluly

O ENSINO DO RADIOJORNALISMO
experiências luso-brasileiras

Luciano Victor Barros Maluly

O ENSINO DO RADIOJORNALISMO

experiências luso-brasileiras

Copyright © 2013 by Luciano Victor Barros Maluly

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão do autor.

Coordenação Editorial

Luciano Victor Barros Maluly e Ulisses Rodrigues de Paula

Capa e Revisão

Valnei Andrade

Diagramação e Projeto Editorial

Ulisses Rodrigues de Paula

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

M261e Maluly, Luciano Victor Barros
O ensino do radiojornalismo : experiências luso-
brasileiras / Luciano Victor Barros Maluly - São Paulo:
ECA/USP, 2013.
82 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-7205-106-4

1. Radiojornalismo - Estudo e ensino - Brasil 2.
Radiojornalismo - Estudo e ensino - Portugal I. Título

CDD 21.ed. – 070.190981

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: João Grandino Rodas

Vice-reitor: Hélio Nogueira da Cruz

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Diretor: Mauro Wilton de Sousa

Vice-diretor: Maria Dora Mourão

Para Braga e São Paulo, com amor.

Se o cientista Roquette-Pinto fosse vivo e escutasse hoje uma Rádio Universitária, quem sabe se ele não comentaria: “como se utiliza mal um bom instrumento didático-pedagógico?”

Luiz Maranhão Filho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - O ENSINO DO RADIOJORNALISMO.....	22
1.1. Teoria para o Ensino do Radiojornalismo.....	22
1.2. Em busca de um conceito de Rádio Universitária.....	34
CAPÍTULO 2 - RADIOJORNALISMO NA UNIVERSIDADE DO MINHO.....	47
2.1. Departamento de Ciências da Comunicação do ICS/ UMinho.....	47
2.2. Rádio Universitária do Minho (RUM).....	50
CAPÍTULO 3 - RADIOJORNALISMO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.....	58
3.1. Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP.....	58
3.2. Rádio USP.....	63
RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
BIBLIOGRAFIA.....	78
BIBLIOGRAFIA DO AUTOR SOBRE O TEMA DA PESQUISA	85
APÊNDICE.....	87

Prefácio

Enio Moraes Júnior

Jornalistas a serviço do interesse público

Qualificar a formação de jornalistas é o grande objetivo deste livro de Luciano Victor Barros Maluly, resultado do seu trabalho de Pós-Doutorado. Ao elaborar este estudo sobre a Rádio USP (Brasil) e a Rádio da Universidade do Minho (Portugal), o autor não faz apenas um relato de duas experiências. Ele propõe um terceiro caminho, mais enriquecedor para o ensino do radiojornalismo, ao lançar pistas também para uma reflexão sobre o trabalho do comunicador.

Esta obra é uma oportunidade para o jornalista entender os desafios e o potencial do rádio como veículo de comunicação e informação. O que se destaca no livro *O Ensino do Radiojornalismo: experiências luso-brasileiras* é a convicção de que o rádio deve ser sempre, em qualquer tempo e lugar, um aliado a serviço da democracia e da cidadania.

Maluly pensa o jornalismo com a gentileza e a cordialidade da gente de Piraju, no interior de São Paulo, terra que tive o prazer de conhecer. Provavelmente, é a sensibilidade característica das pessoas crescidas às margens de um rio, como o Paranapanema, que faz o autor observar o ofício de educador não apenas como um serviço a ser executado, mas como uma construção de dimensão social. “A reestruturação da metodologia de ensino do radiojornalismo é a principal ferramenta no início deste processo, porque dirige um conceito que ultrapassa os muros da universidade”, afirma.

Em tempos de individualismo e consumismo, debater a educação e a comunicação é mais do que propor caminhos às rádios universitárias e ao ensino do jornalismo. Revela-se uma atitude política em defesa da formação de profissionais a serviço do interesse público.

Este livro parece ser um sol que brilha no horizonte ribeirinho, a querer dizer que os cidadãos sempre prevalecerão, sejam quais forem os obstáculos.

Introdução

Mudanças significativas no ensino da comunicação e também na gestão das emissoras possibilitaram uma releitura da mídia *Rádio*. A atual plataforma alia a tradição (do meio), a inovação (tecnológica) e a mensagem (conteúdo). Dentre esses fatores, o ensino determina a base para o desenvolvimento e a formação de comunicadores que possam estar antenados às necessidades dos ouvintes, considerados agora não só como receptores ou mero participantes ou colaboradores, mas sim como produtores e divulgadores de conteúdo com os mesmos direitos dos profissionais e detentores do poder de antena.

Este livro relata as possibilidades de expansão do ensino da comunicação por meio das iniciativas pedagógicas promovidas por duas emissoras de rádio universitárias, sendo uma no Brasil (a Rádio USP FM 93,7, em São Paulo) e outra em Portugal (Rádio Universitária do Minho ou RUM FM 97.5 FM, em Braga).

A relação direta dessas emissoras com as instituições de ensino, no caso a Universidade de São Paulo e a Universidade do Minho, foi fundamental para o desenvolvimento dessas ações, em particular, na modificação da própria estrutura de administração das estações, que também se constituem como espaços pedagógicos, muito além de simples canais de produção e transmissão de conteúdo radiofônico.

Fruto de uma pesquisa em Pós-Doutorado, realizado na Universidade do Minho, em Portugal, este trabalho possibilita uma releitura do atual modelo de ensino do rádio, particularmente no que diz respeito às mudanças ocorridas pelo avanço da tecnologia e na formação do profissional de comunicação, como os bacharéis nas diversas habilitações, entre elas, audiovisual, radialismo, rádio e televisão, publicidade, propaganda, marketing e, neste caso, o jornalismo.

A proposta de estudar a Rádio Universitária do Minho (RUM), localizada na cidade de Braga, em Portugal, foi estimulada por diversos motivos, entre eles, a facilidade da língua, o baixo custo, a receptividade dos portugueses e, em

especial, a tradição e a abertura das universidades lusas aos pesquisadores brasileiros, como as parceiras consolidadas nos estudos em comunicação. Na USP, destacam-se os trabalhos realizados na Escola de Comunicações e Artes (ECA) pelos professores do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), José Coelho Sobrinho (1995 e 2001) e Nancy Nuyen Ali Ramadan (2009), além da Pesquisa de Doutorado integrada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação desenvolvida por Enio Moraes Júnior (2008-2011). São pesquisadores que tiveram como tema o ensino da comunicação nos dois países e, assim, serviram de estímulo e abriram os caminhos para a realização deste estudo.

Este trabalho discute a formação do comunicador, com o diferencial de observar as emissoras de rádio como espaços laboratoriais para o ensino do jornalismo. A intenção foi analisar a proposta pedagógica da Rádio Universitária do Minho e sua implicação no curso de Comunicação Social da UMinho, com posterior comparação com o atual projeto existente na Universidade de São Paulo, que possibilita a transmissão, pela Rádio USP, dos programas radiofônicos produzidos pelos alunos de jornalismo. Denominado de *Universidade 93,7*¹, este projeto existe desde 2008 e é realizado na Universidade de São Paulo, por meio de uma parceira entre o CJE e a Rádio USP FM. Os alunos do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, produzem programas durante as disciplinas de rádio, com posterior transmissão pela emissora, geralmente aos domingos, das 11h30 às 12 horas.

No caso da Universidade de São Paulo, as atividades relacionadas ao ensino da comunicação estão restritas às transmissões, a abertura de algumas vagas de estágios, visitas à sede da emissora e apoio técnico para a produção dos programas, como entrevistas pelo telefone e edição. Ainda inexistente uma proposta concreta de Rádio Universitária, que seja em parte dirigida aos e pelos estudantes de comunicação. A emissora é da universidade, com produções próprias realizadas por profissionais, diferente de uma proposta de rádio

¹ Em: <<http://www.radio.usp.br/programa.php?id=91>>. Acesso em: 25 de setembro de 2010.

universitária que procura, entre suas finalidades, desenvolver projetos de ensino direcionados aos estudantes, com ênfase nos de comunicação social. A abertura de estágios é uma das saídas, mas o número de vagas é sempre restrito e contempla apenas alguns alunos.

O ideal seria um projeto que integrasse os profissionais da emissora, os professores e os alunos, com a rádio sendo um espaço de convivência e aprendizado para o desenvolvimento e formação dos futuros radiocomunicadores, entre eles, jornalistas, radialistas, publicitários. No caso do jornalismo, os estudantes participariam de algumas atividades com os profissionais da emissora. Seria uma oportunidade para aperfeiçoar os conceitos de radiojornalismo estudados nas disciplinas do curso de graduação, como o planejamento da linha editorial, a produção de reportagens e programas, além da discussão de temas relacionados à cidadania e ao interesse público (MORAES JÚNIOR, 2011).

A Rádio Universitária do Minho possui um projeto diferenciado, com várias atividades direcionadas aos alunos da UMinho, em particular os de comunicação, e que atingem também a comunidade local. O modelo português pode ser uma referência, com possível aplicação na Universidade de São Paulo. Da mesma forma, a proposta uspiana também possui aspectos que podem ser integrados à RUM, que ainda não possui um programa realizado somente pelos alunos da UMinho. A adaptação dessas propostas é um caminho para a construção de um modelo de ensino da comunicação que visualize a emissora universitária como mais um espaço de aprendizagem, além da sala de aula e do laboratório (estúdio) de rádio.

A RUM foi o objeto deste estudo, que analisou o projeto de ensino de radiojornalismo existente na Universidade do Minho, com posterior comparação com o modelo existente na USP. Visitas técnicas foram realizadas na sede da emissora e no *campus* da universidade, com intuito de coletar dados por meio de análises em documentos e entrevistas com especialistas, profissionais da emissora e professores da UMinho.

Os resultados desta pesquisa formam a base para a construção de um modelo de ensino que integre as escolas de

comunicação e as rádios universitárias. Um caminho possível para a formação de jornalistas responsáveis que utilizem o rádio como um meio educativo e informativo capaz de auxiliar as pessoas na compreensão das notícias.

Referências

Encontrar um modelo de ensino que integre a Rádio USP e o curso de jornalismo da Universidade de São Paulo foi o principal desafio deste trabalho. Para isso, é necessário destacar algumas experiências que motivaram e serviram de apoio para a formulação do projeto. O alicerce é a existência de estudos no Departamento de Jornalismo e Editoração que possuem, como preocupação, as estruturas que interferem na formação do jornalista. Destacam-se os trabalhos realizados pelos professores Nancy Nuyen Ali Ramadan e Enio Moraes Júnior, este sob orientação de José Coelho Sobrinho, um dos principais pesquisadores sobre o ensino de comunicação social do Brasil.

O pioneirismo do professor Coelho foi o principal condutor para o início deste trabalho, com destaque para os relatos registrados nas pesquisas de Pós-Doutorado e Livre-Docência, ambas fruto de uma parceria luso-brasileira. A pesquisa de Pós-Doutorado do professor José Coelho Sobrinho, realizada na Universidade Fernando Pessoa, em Portugal, entre 1995 e 1996, originou o livro *Relações Públicas – teoria e prática* (1985), uma referência para os estudiosos e profissionais de relações públicas em ambos os países. Já a tese *Do que somos capazes! Relato de uma experiência pedagógica* (2001), também parte da pesquisa na mesma universidade, valeu ao professor e pesquisador o título de livre-docente na Universidade de São Paulo. A tese discute as implicações do trabalho de Relações Públicas em Portugal. Além disso, a amplitude do tema na área do ensino da comunicação também motivou os estudos sobre a formação do jornalista, sempre como um comparativo entre as realidades brasileiras e portuguesas.

A pesquisa *Orientações e problemáticas no ensino do jornalismo em tempo de mudança - considerações a partir de um estudo de caso em Portugal* (2009), realizada pela Prof^a

Dr^a Nancy Nuyen Ali Ramadan, na Universidade do Minho, sob supervisão do Prof. Dr. Manuel Joaquim Silva Pinto, possibilita visualizar as transformações no universo da docência em jornalismo, decorrentes das mudanças ocorridas nos cursos de graduação no Brasil e em Portugal, em virtude de impactos como o avanço tecnológico e o Protocolo de Bolonha. A pesquisa inicia uma discussão sobre o ensino do jornalismo, com propostas que podem modificar o atual processo pedagógico.

Já a pesquisa *O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia*, do jornalista e doutor em Ciências da Comunicação, Enio Moraes Júnior, revela as implicações dos modelos de ensino na formação do jornalista, no Brasil e na Europa, em particular Portugal. Para isso, o pesquisador também esteve na Universidade do Minho, em Braga, por meio de uma bolsa-sanduíche, com orientação do Prof. Dr. João Formosinho.

Os resultados desses trabalhos revelam a necessidade da ampliação do tema e, deste modo, a proposta desta pesquisa condiciona esta possibilidade, justamente pela escolha do rádio, em especial a emissora universitária, como espaço possível para a formação do jornalista. Neste ponto, é importante salientar que a base para o projeto surgiu por meio da pesquisa *O radiojornalismo na cidade de São Paulo (2006-2012)*, que possibilitou uma leitura sobre o jornalismo praticado na Rádio USP e em outras emissoras paulistanas, como a Rádio Gazeta AM, da Fundação Cásper Líbero, e a Rádio Comunitária Cantareira FM. Este estudo também proporcionou a elaboração do artigo *Rádios Universitárias – repórteres contra a padronização da notícia*, texto que originou a atual pesquisa e que está incorporado, como apêndice, neste livro.

Outro ponto de apoio foi a consolidação de uma parceria entre a Rádio USP e o Curso de Graduação em Jornalismo da mesma instituição para a transmissão de programas realizados pelos alunos. Foi assim que surgiu, em 2008, o programa *Universidade 93,7*, espaço destinado à produção universitária em radiojornalismo. O programa continua no ar, com resultados surpreendentes, que modificaram a metodologia de ensino em comunicação social.

Os estudos iniciais desta pesquisa começaram em 2006 e revelaram a inexistência, tanto na emissora como no planejamento pedagógico do curso de jornalismo da USP, de um projeto de ensino sólido para a inserção dos alunos de comunicação, neste caso de jornalismo, na Rádio USP. A experiência da Faculdade Cásper Líbero, ligada à Fundação, em que os alunos produzem os programas na sede da Rádio Gazeta AM, admite a consolidação de programas relacionados ao ensino do jornalismo e, por isso, foi um estímulo à realização desta pesquisa em Portugal, local escolhido pela experiência da Rádio Universitária do Minho.

A emissora portuguesa revela uma alternativa ainda melhor, que é a realização de atividades educativas e culturais integradas aos universitários, não somente do curso de jornalismo, mas também de outras áreas, sendo que alguns também são estendidos à comunidade local. Surgiu assim o interesse de analisar a RUM e fazer uma comparação entre os trabalhos das emissoras, tendo o radiojornalismo como foco principal para este estudo, justamente pela possibilidade de encontrar um modelo de Rádio Universitária para a Rádio USP FM.

Da mesma forma, por meio da troca de experiências, também foi possível auxiliar a RUM e o Curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação no aperfeiçoamento dos projetos de ensino, na área do radiojornalismo. O projeto existente na USP possui aspectos que podem ser integrados à proposta da rádio lusitana, como a transmissão de programas realizados pelos alunos na disciplina de radiojornalismo, fato que já acontece em São Paulo.

Outro ponto é alertar para a necessidade de instituir e consolidar iniciativas em radiojornalismo que possibilitem a integração direta dos alunos, dos professores, dos jornalistas e de outros profissionais das emissoras universitárias. Desta forma, as atividades pedagógicas, em particular a gravação de programas, seriam realizadas tanto na universidade como na sede da emissora.

As pesquisas sobre o ensino da comunicação são fundamentais para a mudança estrutural das disciplinas voltadas ao radiojornalismo. Os métodos de aprendizagem geralmente são engessados no Brasil e em Portugal, com a

reprodução dos padrões existentes e já consolidados nas emissoras de rádio. Todavia, existem algumas inovações realizadas isoladamente por professores e alunos, que podem contribuir para um avanço da metodologia a ser aplicada no ensino do rádio, entre elas as relacionadas à mídia, principalmente diante da produção e distribuição dos programas. Para isso, foi necessário conduzir a pesquisa por objetivos que revelassem a necessidade de ampliar os espaços de ensino, tendo como proposta a inclusão das rádios universitárias nos projetos pedagógicos dos cursos de comunicação, em especial, no de jornalismo.

Desta forma, foram analisadas as metodologias de ensino de radiojornalismo aplicadas na Universidade de São Paulo e na Universidade do Minho, e qual a relação com as emissoras universitárias ligadas às instituições, no caso, a Rádio USP e a RUM. Seria possível observar se as propostas integravam as emissoras diante dos projetos pedagógicos das disciplinas e, em paralelo, se as mesmas obtinham resultados satisfatórios para o aprendizado dos alunos, bem como se as rádios seriam/teriam espaços adequados para o ensino em nível superior.

A realidade vivida pelos professores e alunos de comunicação se limita aos conhecimentos transmitidos por meio de aulas teóricas e das práticas laboratoriais, fato que determina uma possível saída para a pesquisa, ou seja, as universidades necessitam de modelos de ensino em rádio que estabeleçam uma integração entre as emissoras educativas/universitárias e os cursos de graduação em comunicação social.

Se um dos objetivos era encontrar uma proposta para o desenvolvimento de novas metodologias para o ensino em radiojornalismo, tendo a USP como referencial, esta afirmação genérica revelaria ainda outras saídas, que nem sempre seriam satisfatórias. Chegar-se-ia a três possíveis resultados:

(1) O atual modelo de ensino em radiojornalismo existente na USP é insuficiente para a formação do aluno, por causa da ausência de um planejamento que integre a Rádio USP e o Curso de Jornalismo da ECA, ao contrário do que ocorre na experiência da Rádio Universitária do Minho; (2) O atual modelo de ensino em radiojornalismo da USP é suficiente para a formação do

aluno por causa da parceria para transmissão de um programa elaborado pelos estudantes, entre a Rádio USP e o Curso de Jornalismo da ECA, com a experiência da Rádio Universitária do Minho sendo um complemento para a Universidade de São Paulo; (3) A ampliação do atual modelo de ensino em radiojornalismo na Universidade de São Paulo acontecerá somente com a criação de um novo planejamento que integre a Rádio USP e o Curso de Jornalismo da ECA, tendo como parâmetro a troca de experiências com a Rádio Universitária do Minho e a Universidade do Minho.

Em meio às estas indagações, a pesquisa se concentrou nas emissoras, ou melhor, em suas estratégias diante dos compromissos pedagógicos. Entre as semelhanças e as diferenças, surgiriam novidades ao ensino do jornalismo?

Os procedimentos utilizados para a análise foram redefinidos, principalmente após o contato inicial com o Prof. Dr. Manuel Joaquim Silva Pinto, supervisor desta pesquisa. Foram estabelecidas duas etapas: a coleta de dados e a elaboração do relatório. Na primeira fase, visitas técnicas foram realizadas na sede da emissora e no *campus* da universidade, com intuito de coletar dados por meio da análise em documentos (impressos e em audiovisual) e entrevistas com os profissionais da emissora e com os professores da UMinho. Neste contexto, o principal critério do trabalho foi a análise dos planejamentos didático-pedagógicos da RUM e da UMinho, ou seja, se existem, como estão organizados e qual a relação entre a rádio e a universidade.

O relatório foi elaborado por meio da análise do modelo de ensino de radiojornalismo existente no Curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação da UMinho e pela RUM, com posterior comparação com o projeto existente na Universidade de São Paulo, conforme parceria do Departamento de Jornalismo e Editoração e da Rádio USP.

A análise final revela as lacunas de ambos os projetos e propõe sugestões para a implantação de projetos integrados entre os cursos de comunicação social, no caso de jornalismo, e as emissoras universitárias. A primeira parte da pesquisa foi apresentada no *Radio Evolutions Congress da Radio Research*

Section do European Communication Research and Education Association (ECREA), realizado em Braga, de 14 a 16 de setembro de 2011, com o título *University Radios in Brazil and in Portugal – integration between interactive proposals of Rádio Universitária do Minho and Rádio Universidade de São Paulo* (Rádios Universitárias no Brasil e em Portugal – integração entre as propostas interativas da Rádio Universitária do Minho e da Rádio Universidade de São Paulo).

Outras atividades estiveram relacionadas ao período de Pós-Doutorado na Universidade do Minho como a realização da conferência *Teoria da Comunicação Radiofônica*, ministrada aos alunos da disciplina *Teoria da Comunicação* do Curso de Licenciatura em Ciências Políticas, em 11 de outubro de 2011, das 19h30 às 21 horas, a convite do Professor Sérgio Denicoli, e do workshop *Do Guião ao Microfone: como conceber um programa de rádio?*, em 19 de outubro de 2011, das 15 às 17 horas, com organização da Prof^a Dr^a Maria Madalena Costa Oliveira e direcionado aos alunos da UMinho e também à comunidade externa.

O relatório final foi entregue aos diretores das emissoras e aos coordenadores de curso, com o propósito de ampliar os espaços de ensino voltados ao radiojornalismo.

Diante do cronograma da pesquisa, diversas etapas foram contempladas, sendo que, no primeiro semestre de 2011, esteve concentrada na elaboração e aceite do Projeto de Pesquisa e na coleta de dados no Brasil; no segundo semestre de 2011, nos contatos iniciais e coleta de dados em Portugal, no cumprimento das atividades complementares relacionadas ao Pós-Doutorado (congressos, palestras e workshop), na redação e entrega do relatório final da pesquisa nas emissoras e nas universidades e no recebimento da declaração de cumprimento das exigências de Pós-Doutorado pela Universidade do Minho; a terceira etapa, no primeiro semestre de 2012, na apresentação do trabalho na Escola de Comunicações e Artes e no parecer favorável diante do relatório final da pesquisa emitido pela Universidade de São Paulo; e a quarta e última etapa, com a publicação deste livro.

CAPÍTULO UM

O ENSINO DO RADIOJORNALISMO

1.1. Teoria para o Ensino do Radiojornalismo

O ensino do radiojornalismo está caracterizado por diferentes correntes teóricas, sendo determinante a oposição existente entre as que o colocam como meio de interação e as que o restringem a uma possibilidade técnica, condicionada apenas às transmissões dos assuntos do cotidiano. O primeiro grupo observa os espaços (da escola e da emissora) como lugares voltados à experimentação e à integração, nos quais os sujeitos (professores, alunos, jornalistas e auxiliares de ensino) trocam ideias e experiências. O segundo insere o rádio no contexto de um modelo consolidado pela tradição no qual cada um tem o seu papel (o professor, o aluno, o jornalista e o auxiliar de ensino), com as relações sendo permeadas pela necessidade de se estabelecer e de manter hierarquias e nomenclaturas.

Este capítulo possibilita uma discussão sobre o ensino do radiojornalismo pela aplicação de fragmentos teóricos selecionados entre clássicos, como os conhecidos textos de Bertolt Brecht, Walter Benjamin e Gisela Swetlana Ortriwano, assim como por meio de autores, como Karl Popper, David Bohm e Paulo Freire, cujas obras (in)diretamente contribuem para a reformulação do atual estágio de estagnação do jornalismo transmitido pelo rádio, que se mantém avesso às mudanças e à aplicação de uma outra ordem determinada pela abertura do processo noticioso. Desta forma, certas discussões são imprescindíveis e indispensáveis para a formação do jornalista, justamente por ampliar as formas de manifestações (diante do conteúdo exibido) pelo rádio. Os debates em torno da notícia, como a interatividade, o acesso e o conhecimento, formam o eixo para o ensino do radiojornalismo.

Em busca da interatividade

A discussão em torno das possibilidades para o radiojornalismo está marcada pelo pensamento do dramaturgo, poeta e teórico alemão Bertolt Brecht, notadamente em dois textos: *Teoria do Rádio: 1927-1932*² e *Cinco maneiras de dizer a verdade* (1966, pp. 259-273). O primeiro está relacionado à produção radiofônica, ou seja, a manifestação criativa e interativa em detrimento do padrão estagnado das emissoras, como sugere o próprio Brecht: “*Opino, pois, que vocês deveriam aproximar-se mais dos acontecimentos reais com os aparelhos e não se limitar à reprodução ou à informação*” (MEDITSCH, 2005, p. 37). A radioreportagem se assemelha a essa prática, em especial, quando posiciona a participação *in loco* do jornalista. A vivência determina uma ampliação da cobertura radiojornalística, trazendo – ao ouvinte – elementos reveladores para uma possível reconstituição do fato. Faz-se referência ao conjunto de fatores que contempla a matéria, como os relatos dos repórteres, dos entrevistados, as paisagens sonoras, entre outros elementos que constituem determinada notícia.

Já o segundo texto de Bertolt Brecht se relaciona ao radiojornalismo quando destaca certas dificuldades que precisariam ser superadas por aqueles (neste caso, os jornalistas) que desejarem lutar contra a mentira e a ignorância: “*1. Coragem de escrever a verdade; 2. A inteligência de reconhecer a verdade; 3. A arte de tornar a verdade manejável como uma arma; 4. A capacidade de escolher aqueles em cujas mãos a verdade se torna eficiente; 5. A astúcia de divulgar a verdade entre muitos*” (BRECHT, 1966, pp. 259-273). A busca pela verdade passa a ser uma constante no radiojornalismo, mesmo estando condicionada ao erro. O contato com as pessoas e com o ambiente possibilita a diminuição dos problemas existentes nas notícias, como as falsas interpretações observadas nas mensagens sem cobertura jornalística, mas que são transmitidas pelos locutores direto dos estúdios das emissoras. Neste caso, ocorre apenas a reprodução dos fatos, sem a possibilidade de diálogo com os protagonistas

² O texto “*Teoria do rádio (1927-1932)*” pode ser encontrado traduzido em Meditsch (2005, p35-45).

ou mesmo a inserção dos demais elementos da matéria jornalística. Transmite-se a notícia sem conhecer o assunto, esquecendo de utilizar procedimentos que poderiam revelar a importância da notícia. O contrário ocorre quando o jornalista está comprometido com a verdade. Integram-se novas revelações como meio de reconstituir o acontecer. A ética passa a condicionar o trabalho do repórter, desde a apuração até a divulgação, sendo a notícia o produto final constituído por informações e valores, como a coragem, a inteligência e a honestidade.

A interferência do pensamento de Brecht nos estudos sobre radiojornalismo é clara na defesa da interatividade como característica intrínseca ao rádio, como destaca a pesquisadora Suely Maciel em sua tese de doutorado *A interatividade no diálogo de viva-voz na comunicação radiofônica* (2009). A autora amplia as especificidades do rádio como as defendidas pela professora e pesquisadora Gisela Swetlana Ortriwano, no clássico *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* (1985, pp. 78-81):³

(...) entende-se que a interatividade no rádio não depende exclusivamente dos aparatos tecnológicos para se efetivar. Eles servem para facilitá-la e torná-la mais explícita, trazê-la para o plano concreto, do 'audível'. As trocas e a mútua influência discursiva entre os interlocutores nesse tipo de comunicação sempre ocorrem e isso é intrínseco ao discurso radiofônico. Pode-se afirmar, assim, que a interatividade também é uma característica do rádio a se somar às pertinentemente discutidas por Gisela Ortriwano (1985, p.78-83). Afinal, a interatividade, pensada como relação mútua ativa entre os sujeitos do processo comunicacional, é característica de toda comunicação discursiva. Ela não figura apenas na conversação, pois o destinatário, ainda que não fale, sempre se mantém numa posição responsiva ativa e, dessa forma, atua diretamente na configuração do enunciado. Interatividade é diálogo, restrito ou ampliado. (MACIEL, 2010, p. 210).

³ Ortriwano destaca a linguagem oral, a penetração, a mobilidade, o baixo custo, o imediatismo, a instantaneidade, a sensorialidade e a autonomia como características intrínsecas ao rádio.

Gisela Swetlana Ortriwano já demonstrava preocupação com a estagnação das emissoras de rádio, principalmente pelo posicionamento dos diretores e jornalistas, que ainda observavam a interatividade apenas como uma possibilidade e não como uma ferramenta já estabelecida. Neste contexto, os comunicadores vislumbravam somente um cenário no qual a notícia é tratada como produto pronto, sem abertura e debate. Segundo defendeu a pesquisadora, tal visão contribuiu para limitar os processos que envolviam a mídia eletrônica de então:

A partir de meados dos anos 60 e durante toda a década de 70, o jornalismo radiofônico (assim como o televisivo) foi reduzido a sua essência puramente adjetiva: textos redigidos e entrevistas editadas, sempre extremamente curtas (dificilmente eram mantidas as perguntas dos repórteres), limitando-se a informação sobre algum fato, nunca permitindo a exposição de juízos de valor, a sustentação de opiniões, a discussão de ideias (o que requer um tempo mais longo uma vez que é necessário apresentar os argumentos para que a opinião expressa conquiste adeptos). Os programas de entrevistas e debates (que Brecht também já sugeria) praticamente desapareceram com exceção dos esportivos; os jornalistas não precisam mais falar de improviso. Como consequência, repórteres, entrevistadores, moderadores de debates, comentaristas etc. quase deixaram de existir no radiojornalismo e, até hoje, continuam persistindo os efeitos negativos: toda uma geração de jornalistas não pode exercer suas funções de acordo com os requisitos exigidos pelas próprias características do meio radiofônico”. (ORTRIWANO, 1998, p. 19)

A construção de um conceito de radiojornalismo passa, assim, pela discussão em torno das características relacionadas ao rádio, por meio das propostas de Maciel e Ortriwano (baseadas no pensamento de Bertolt Brecht), e do jornalismo, pelas premissas estabelecidas por autores

como Otto Groth (BELAU, 1966), Luiz Beltrão (1992) e Vladimir Hudec (1980) ⁴.

Ao unificar os dois conceitos, as características, tanto do rádio como do jornalismo, se tornam indissociáveis. A interatividade passa a estabelecer uma posição de equilíbrio (possível intervenção pela presença, debate, opinião e outros) quando aplicada ao jornalismo, fomentando valores além da mensagem e da discussão sobre as possibilidades do rádio.

E foi pelo pensamento de Luiz Beltrão (1992), por meio da definição sobre jornalismo e pelas influências das pesquisas de sua esposa, a também pesquisadora Zita de Andrade Lima (1970), que foi possível se aproximar de um conceito sobre radiojornalismo:

*A informação dos fatos correntes, constituídos por meio de relatos radiofônicos que, em decorrência de suas características, são interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum*⁵.

Por que os jornalistas temem a abertura do processo?

Se a interatividade é uma característica intrínseca ao rádio, os papéis sociais consolidam as posições preestabelecidas: o comunicador fala porque detém o poder cedido por um diploma ou mesmo pela posição ocupada na esfera de produção; já o ouvinte, do outro lado, muitas vezes não fala, mas também é sujeito, como já revelou Suely Maciel. Ao refletir o radiojornalismo como um dos espaços para a configuração de diálogos, ou seja, para a comunicação, as posições se equilibram quando conduzidas pelo respeito diante da função / situação de cada um. “*No diálogo com o outro, quem está de costas é você,*

⁴ As características do jornalismo são determinadas por Vladimir Hudec pela atualidade, universalidade, fidelidade dos fatos, comprometimento de classe, publicidade, multiplicidade, periodicidade, rapidez e natureza institucional; por Luiz Beltrão pela atualidade, variedade, interpretação, periodicidade, popularidade e promoção; e por Otto Groth pela periodicidade, universalidade, atualidade e difusão.

⁵ Informações disponíveis no site www.eca.usp.br/radiojornalismo. Acesso: em 11 de setembro de 2011.

que não se vê”, dizia o psicólogo José Ângelo Gaiarsa (1984, p. 11), revelando que é impossível ignorar ou ser indiferente aos participantes do processo.

Qual seria, então, o papel do jornalista? Limitar-se a estabelecer os critérios para discussão em torno da pauta? Sugerir outras formas de comunicação?

Uma possível resposta passa pela questão do acesso. No final do século XX, alguns movimentos diante da popularização do rádio conduziram o debate em torno dessa ferramenta. Se “*a palavra rádio designa uma tecnologia*”, então “*como usá-la na luta por uma sociedade democrática?*”, pergunta o professor da Universidade de São Paulo, Luiz Fernando Santoro (1981, p. 97). A discussão é sobre o uso dessa tecnologia que, pela tradição, propicia a comunicação *do e pelo* coletivo. Seus agentes, como um grupo (de estudantes ou jornalistas) ou uma comunidade (local), ao conhecerem as potencialidades do rádio, começam a utilizá-la com o propósito de conduzir as mensagens não como um processo estático, mas sim como um espaço aberto, em que os interessados (ouvintes / fontes) estão integrados ao processo. Foi assim que Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão (1986), no clássico “Rádios Livres: a reforma agrária no ar”, observaram essa tecnologia como um “*instrumento da criatividade coletiva e não da prisão do imaginário*” (MACHADO et al., p. 33) que pode “*interferir de forma direta e imediata nas decisões grandes e pequenas*” (MACHADO et al., p. 27). Nesse mesmo contexto, fica uma outra pergunta: se hoje o rádio é considerado, para muitos, um meio *menor* diante dos espaços digitais, em especial a Internet, então por que os empresários, os políticos e os religiosos se interessam tanto pelas emissoras de rádio e por que a política de concessões continua tão estagnada em diversos países?

O acesso ao rádio e, por conseguinte, ao jornalismo passa pela mudança na atual estrutura, que limita a integração dos sujeitos. Ao fugir dos manuais, regras, políticas internas da empresa ou pela simples preferência, o jornalista reafirma uma política editorial libertadora, conduzida pela autonomia e pelo diálogo. Desta forma, os comunicadores criam novos padrões de cobertura, inclusive ampliando as possibilidades de produção

e transmissão. O ilimitado recurso radiofônico possibilita ainda o surgimento de diferentes maneiras de condução do processo, conforme sugere o educador Raymond Murray Schafer:

Os ritmos do rádio estão sempre mudando. Os padrões rítmicos ditam a satisfação; nunca o contrário. Se você conseguir sua ideia em uma pílula de três minutos você poderá vendê-la para o rádio; se não conseguir, desista. Esta brevidade dá forma ao tratamento de todo o material, produzindo o que John Leonard chamou de 'guincho monótono' do rádio contemporâneo: 'Ao invés de discussões, sirenes; ao invés de tristeza, detalhes repulsivos; ao invés de jogos, respiração ofegante e punhos. (SCHAFFER, 1997, p. 31)

As manifestações radiofônicas são construídas e reestruturadas conforme a necessidade e a demanda social. A cada dia surgem mais opções de acesso, mas ainda existem barreiras às tecnologias já existentes, como os problemas políticos relacionados à radiodifusão. Os jornalistas podem continuar a manter as regras que limitam o processo de comunicação, como espaços para participar e/ou colaborar, ou iniciar um movimento concreto para o diálogo. A ocupação das ondas do rádio é uma oportunidade para implantar diferentes condutas na cobertura jornalística e, assim, pela diversidade de pautas, estabelecer espaços comunicativos e, conseqüentemente criativos, como sugerem os autores.

Radiojornalismo ou Rádio Informativo?

Observa-se o predomínio da indústria da informação nos programas noticiosos, assim como da indústria fonográfica na programação musical. O sistema estabelecido pelas grandes gravadoras e demais empresas distribuidoras de conteúdo alimenta as emissoras de rádio com uma avalanche de materiais consolidados para serem apenas retransmitidos.

No caso do radiojornalismo, os responsáveis pelos programas consideram como pautas o universo das informações que

chegam prontas à redação e, simplesmente, reproduzem as notícias, sem apuração. Substituem a cobertura pela quantidade, fato que estimula a “*desinformação, distorção, supervalorização dos fatos intrascendentes e ao silêncio de situações comprometedoras*”. (SCHILLER⁶ apud PIERNES, 1999, p. 41). Em favor do excesso de informações, limita-se, entre outras possíveis características do radiojornalismo contemporâneo, a autonomia do repórter e os espaços de discussão.

No jornalismo, a máquina não chegou a matar o inventor, mas obrigou-o a trabalhar no ritmo que o progresso lhe ia impondo. (...) tem-se de produzir mais ideias, mais notícias, como se fossem salsichas, para dar de comer a máquina cada vez mais faminta. (PIERNES, 1990, p. 39).

Como transmitir o conteúdo noticioso? Possibilitar uma abertura do processo, por meio de coberturas que possibilitem o acesso à cultura e à educação. Uma interação diante dos assuntos coletivos, com os envolvidos a refletir sobre os assuntos do cotidiano, como os que acontecem na escola, na casa, na rua ou na Internet. “*São programas em que o ouvinte conversa com o ouvinte, mediado pela estação de rádio*”, dizia o educador Paulo Freire (FREIRE & GUIMARÃES, 2003, p. 42).

Quais as bases do radiojornalismo? Ao aplicar as ideias de Karl Popper e David Bohm acerca do diálogo e da convivência, nasce uma comunicação mais justa, sem a imposição pela força. No pensamento de Bohm, surge a possibilidade de “*fazer alguma coisa juntos*”, ou mais, “*(...) criando juntos alguma coisa nova*” (2005, p. 29) e nas palavras de Popper, vislumbra-se o equilíbrio:

Estou perfeitamente seguro de que tenho razão; mas posso enganar-me e podes ter razão tu. Em qualquer dos casos, vamos conversar racionalmente, pois assim nos aproximamos mais da verdade, do que se cada um persistir no seu ponto de vista. (POPPER, 1981, p. 4).

⁶ SCHILLER, Herbert. *Communication and cultural domination*. New York: Sharpe, 1984.

Interatividade, criatividade e verdade são características que reforçam os preceitos jornalísticos de troca de experiências, liberdade de expressão e interesse público. Por meio desta premissa, captar, interpretar e divulgar são etapas necessárias à produção da notícia, com o jornalista sendo o responsável pela mediação deste processo. “*Parece que a nossa é a época da notícia, e um dos acontecimentos mais importantes da civilização norte-americana foi o surgimento do repórter*”, afirmava Robert E. Park (1966, p. 185). Tempos depois, consolida-se a afirmação do autor, com as práticas do reportar sendo estabelecidas pelo respeito e pela lisura nas coberturas jornalísticas.

A crítica também é uma característica fundamental ao radiojornalismo, quando se apresenta como sinônimo de mudança, com o conhecimento a transformar o homem pelo aprender, o revelar e o aceitar (o novo e o diferente). A inversão dos lugares e das posições sociais, com a presença das pessoas nas sedes (estúdios) das emissoras e dos repórteres nos recintos públicos, sem limites de tempo e de formatos. Atitudes que determinam uma postura aberta do comunicador, princípio essencial para a formação do jornalista. “*(...) uma popularidade que não apenas orienta o saber em direção ao público, mas, ao mesmo tempo, orienta o público em direção ao saber (...)*” (BENJAMIN, 1986, p. 86).

O ensino do radiojornalismo

Alguns fatores são fundamentais quando se estabelecem diretrizes para o ensino do radiojornalismo. O primeiro é observar a interatividade como uma característica já consolidada, mas que precisa incorporar e solidificar as ferramentas já existentes, como as digitais. O segundo é estabelecer uma dinâmica para o funcionamento (acesso) desta tecnologia, como um instrumento criativo, em benefício do indivíduo e não como arma para o controle social. O terceiro está relacionado ao conhecimento, com a construção de um radiojornalismo crítico, baseado no debate e, portanto, na reflexão sobre o cotidiano, sem a atual atitude estática de disseminador de informações. Como consequência, o último

fator é multiplicar os modelos de ensino e prática do radiojornalismo, com a integração entre as escolas e as emissoras. O pesquisador Pedro Portela indica uma das saídas ao revelar a importância das mídias digitais, em especial, a Internet:

À rádio de hoje pede-se uma dinâmica exigente e nunca antes demandada, porque requer a manutenção de uma lógica de antena que se expresse aos ouvintes tradicionais através do canal que sempre utilizaram – mas que mesmo assim precisa de ser revista em função das inúmeras solicitações alternativas que lhe são concorrentes – e simultaneamente exige a renovação de sua linguagem e função social, porquanto a individualização da comunicação e a interatividade proporcionadas pela Internet colocam novos desafios a necessitarem de respostas.

Esta rádio tem de perceber que se a Internet tem potencial para lhe roubar ouvintes, então que o larápio seja a sua própria presença na rede. Se até hoje a dinâmica radiofônica obedecia a um desenho em que era o ouvinte que vinha ao seu encontro, agora o processo tem de procurar desenvolver-se no sentido contrário, mas incluindo aqueles que continuam a preferir o modelo passivo. (PORTELA, 2006, p. 147)

A leitura do pesquisador português demonstra um caminho inverso no processo radiofônico, com a reorganização do processo comunicativo. Assim é inviável negar a existência de uma nova ordem pautada pela tecnologia, com os atores atuando em conjunto por meio de experiências interativas, inclusive de produção.

A experiência das rádios comunitárias mudou a realidade de muitas pessoas no Brasil, que sempre estiveram à margem da discussão política e social. As sedes das emissoras se transformaram em centros de apoio à cultura e à educação, com projetos que integram comunicação e cidadania, como explica a pesquisadora Cicília Maria Krohling Peruzzo, considerada uma das principais especialistas do país em comunicação comunitária.

Historicamente no Brasil, a rádio comunitária tem sido canal de expressão popular empobrecida, que através de suas organizações sociais, desenvolve um trabalho de informação, educação informal, desenvolvimento cultural e de mobilização das pessoas visando a melhoria nas condições de existência. No seu processo de ação, em geral, conectado às lutas sociais mais amplas em cada lugar, a emissora comunitária tende a contribuir para a mobilização social e trabalho organizativo local com o intuito de melhorar serviços públicos, desenvolver trabalhos educativos contra a violência, difundir produtos artísticos dos membros da ‘comunidade’, além de desencadear possibilidades de educação formal e não-formal. Há evidências concretas em várias experiências de que ao se envolver na dinâmica radiofônica a pessoa se desenvolve, aprende a falar em público, a externar conhecimentos, dons e criações artísticas, a compreender melhor o jogo de interesses internos e externos a que a mídia está sujeita, bem como a reconhecer a realidade que a cerca e se interessar em contribuir para mudanças. No meio de tantas descobertas, melhora a autoestima e a esperança tende a brotar e a se renovar. Por vezes, as pessoas, principalmente as mais jovens, são despertadas para estudar em faculdades da área e descobrem aptidões profissionais antes nunca imaginadas. Outros redescobrem o sentido para suas vidas. (PERUZZO, 2005, pp. 6-7).

Em muitos casos, a emissora comunitária presta um serviço público decorrente de um novo modelo de organização, que multiplica as ações dos comunicadores. As tarefas vão desde a produção de programas até o planejamento e execução de atividades de formação e conscientização como cursos, debates, eventos culturais, entre outros processos criativos.

A mudança na atual estrutura radiofônica oferece aos diversos usuários, como estudantes, jornalistas, radialistas, comunicadores populares, ouvintes, entre outros, a possibilidade de integração ao meio, antes limitado apenas aos que detinham o controle das emissoras. A aproximação ocorre

por meio dos canais de comunicação proporcionados pela mídia digital ou por modelos multiplicadores, como os observados nas rádios comunitárias.

Essa onda trouxe uma modificação na atual estrutura para o ensino de jornalismo de rádio, com a possibilidade de ampliação dos espaços de aprendizagem e, por conseguinte, de produção, para além da sala de aula. O conteúdo elaborado pelos alunos de comunicação ficava restrito ao universo das disciplinas, servindo apenas como exercícios ou como provas de avaliação.

O novo processo oferece a oportunidade de disponibilizar conteúdos jornalísticos, como matérias e programas, pelas mídias digitais, ou mesmo pela transmissão na programação das emissoras de rádio. As rádios universitárias são as que melhor se identificam com esta tendência ao implantarem projetos integrados às escolas de comunicação, seja por utilizar as ferramentas digitais ou mesmo por promoverem atividades educativas e culturais.

As grades de programação já contam com programas elaborados somente pelos alunos ou em parceria com a equipe da rádio, que são transmitidos e disponibilizados nos sites e portais. Neste contexto, as mídias sociais proporcionam a interação e a inserção desses novos protagonistas ao universo da rádio.

O vínculo universitário estabeleceu uma dinâmica para o fomento de projetos que fortalecem as relações entre as emissoras, seus parceiros (a comunidade acadêmica) e outros usuários (público e colaboradores). Cursos de aperfeiçoamento, debates e intercâmbios são oferecidos ao público, principalmente aos estudantes de comunicação. As atividades são coordenadas pelos profissionais da emissora e também contam com a participação de convidados externos, entre eles, os professores e alunos.

Logo, a transformação do ensino da comunicação é uma tendência que surgiu com o impacto das tecnologias e por ações relacionadas à cidadania e ao interesse público, como enfatiza o pesquisador Enio Moraes Júnior, ao analisar as perspectivas que orientam a formação do jornalista:

O jornalismo continua envolvido em suas contradições a representar também interesses privados.

Mas o melhor jornalismo coloca-se a serviço da cidadania, e é isso que deve ensinar toda a Educação que enfatize a formação de profissionais de desenvolvimento humano.

Entretanto, não há certeza de criação nem ceticismo de adulto que permita garantir que esse é um caminho para um mundo melhor e mais justo, mas, certamente, é um caminho possível. É tudo choro ou riso de quem não fica indiferente ao rio e à vida. E de tanto observar e nadar no rio, sempre se chega ao mar...” (MORAES JÚNIOR, 2011, p. 322)

1.2. Em busca de um conceito de Rádio Universitária

A expansão dos espaços para a formação de comunicadores, como o jornalista, estabelece um dos alicerces desta pesquisa. Desta forma, foi necessário construir um debate sobre o atual modelo de rádio universitária existente no Brasil e em Portugal. Seria este um lugar de ensino, além da sala de aula e dos laboratórios de rádio? A questão está presente no cotidiano de professores e profissionais de rádio já há alguns anos:

Será leviano ou, simplesmente, teórico, aquele que propuser um modelo para uma Rádio Universitária. O traçado de uma programação envolve aspectos díspares e esses aspectos devem estar em consonância com a comunidade onde se insere o prefixo. (MARANHÃO FILHO, 1996).

A provocação do professor Luiz Maranhão Filho continua a intrigar os pesquisadores de rádio. Ainda existe um ruído entre as universidades e as emissoras sobre suas tutelas que dificulta as parcerias para a viabilização de importantes atividades de ensino, como a transmissão dos programas de rádio produzidos por estudantes dos cursos de comunicação social. A diferença é que as atuais ferramentas já admitem a possibilidade de condução por meio de outros espaços comunicativos, como a Internet. Também é fundamental lembrar que os alunos fazem parte da comunidade acadêmica e que consolidaram certos

espaços, como os jornais-laboratório em versão impressa.

Outro ponto é que “nada mais se joga fora”. As matérias elaboradas por estudantes de comunicação, em particular os de jornalismo, que antes serviam apenas como exercícios, agora são aproveitadas, tornando-se importantes fontes de informação. No rádio, os alunos produzem programas com conteúdos diferenciados da agenda das principais emissoras. Desta forma, professores e profissionais de rádio buscam soluções para a realização de projetos que sejam viáveis tanto para a emissora quanto para a formação dos comunicadores.

Torna-se essencial revelar que alguns temas permeiam o debate sobre a relação entre os cursos superiores de graduação em comunicação social e as emissoras universitárias. São discussões que estão presentes no meio radiofônico, como a divisão entre a teoria (simbolizada pela academia) e a prática (a emissora) ou a defesa da qualidade defendida pelos profissionais (radialistas e jornalistas) em detrimento de outras atividades realizadas por amadores (alunos). Revelam-se ainda situações que atingem diretamente os envolvidos, como o receio da mudança de função ou de perda de postos de trabalho, tanto nas emissoras que, ao fomentarem produtos sem custos de produção, poderiam atribuir outras tarefas ou mesmo dispensar funcionários, bem como nas universidades, que substituíram docentes com formação acadêmica por técnicos advindos do mercado.

A ausência de projetos sólidos instituídos na própria universidade torna a situação complicada no sentido de que os projetos pedagógicos dos cursos de graduação, com exceção dos estágios, muitas vezes, não inserem as emissoras de rádios como espaços de ensino no âmbito laboratorial. Da mesma forma, as rádios universitárias são observadas como veículos representativos das instituições de ensino ou de órgãos (in)diretamente ligados às universidades, como as associações, em vez de se constituírem como um local propício para o experimentalismo e à formação profissional.

A Universidade de São Paulo e a Universidade do Minho são exemplos deste problema porque possuem cursos de graduação com uma restrita ligação com as emissoras universitárias. As iniciativas existentes são isoladas e, por

isso, estão ausentes *oficialmente* da proposta pedagógica dos cursos de graduação (e assim das disciplinas) e do planejamento das emissoras.

Encontrar um caminho que integre as emissoras universitárias ao ensino do rádio (jornalismo) é uma proposta desafiadora, justamente porque estabelece uma nova etapa na atual estrutura dos cursos de graduação. Uma parte da produção dos alunos estará vinculada ao *real*, sendo transmitida e, portanto, validada pela emissora. Além disso, os programas têm o mesmo teor dos jornais-laboratório impressos, que são comuns nos cursos de jornalismo. A dinâmica do curso integra a sede da emissora, com novos protagonistas, além dos professores, alunos e auxiliares de ensino, que são os jornalistas e radialistas.

Neste contexto, os principais protagonistas desta pesquisa foram selecionados e, por meio de entrevistas, revelaram quais os métodos de ensino que são ou seriam utilizados e, ao mesmo tempo, colocaram as suas propostas sobre um modelo possível de rádio universitária. Os entrevistados são a professora Maria Madalena Costa Oliveira, responsável pelo módulo de *Jornalismo Radiofônico*, da Universidade do Minho, e o radialista João Paulo Rebelo, coordenador de programação da Rádio Universitária do Minho, como representantes do universo português; o professor Eduardo Vicente, responsável, entre outros, pelo programa *Trilhas & Rolos* e professor de Rádio da Universidade de São Paulo, e a jornalista Silvana Pires, coordenadora de programação da Rádio USP, que representam o contexto brasileiro; e ainda o pesquisador Marcelo Mendonça Teixeira, brasileiro doutorando na UMinho, inserido na pesquisa como especialista.

Marcelo Mendonça Teixeira⁷ é Bacharel e Licenciado em Sociologia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, além de Especialista, Mestre e, na época, Doutorando em Educação (área de especialização em Tecnologia Educativa), no Departamento de Estudos Curriculares e Tecnologia Educativa do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Portugal). A dissertação de Mestrado *Análise do uso da rádio web como*

⁷ Entrevista exclusiva de Marcelo Mendonça Teixeira: 28/08/2011.

uma interface dinamizadora da prática educativa: Estudo de Caso da RUM teve a Rádio Universitária do Minho como objeto de análise. Como pesquisador, estuda os processos educacionais do rádio na Internet, bem como a integração das rádios universitárias às plataformas de *e-learning* e suas contribuições para Educação *On-line*. Já publicou importantes trabalhos científicos⁸ em revistas internacionais e capítulos de livros, ministrou palestras em universidades dentro e fora da Europa, e atualmente é bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal, no âmbito do doutoramento.

O conceito de rádio universitária proposto por Marcelo Mendonça Teixeira revela uma emissora que estabelece um vínculo entre a comunidade acadêmica e a instituição de ensino superior. O especialista observa que, diante da metodologia de ensino, este elo é que vai determinar os critérios para o reconhecimento das atividades pedagógicas. O pesquisador ainda destaca a importância dos laboratórios radiofônicos para o desenvolvimento do aluno, desde que “*todos passem pelas etapas formativas (teórica e prática)*”.

O conceito de rádio universitária ou emissora universitária se estabelece como um vínculo de comunicação radiofônica de uma determinada comunidade acadêmica, representando de forma direta ou indireta a instituição de ensino a que está vinculada.

Os laboratórios radiofônicos podem estruturar-se a partir de módulos de elaboração, edição, produção e veiculação de programas, orientado pelos docentes da disciplina e supervisionado por monitores. Com três equipes de trabalho, os discentes são distribuídos nos módulos conforme o grau de conhecimento das atividades a serem desenvolvidas. Na verdade, o interessante é fazer com que todos passem pelas etapas formativas (teórica e prática), e que posteriormente essas atividades sejam reconhecidas pela Instituição de Ensino Superior para o cumprimento da carga horária curricular obrigatória.

⁸ O autor possui outras publicações sobre a RUM (ver Bibliografia).

Maria Madalena Costa Oliveira⁹ é professora auxiliar na Universidade do Minho. Licenciou-se em Comunicação Social, em 2001. Foi jornalista-estagiária na TSF, em Lisboa, e assessora de imprensa do Ministro-Adjunto do Primeiro-Ministro, António José Seguro, no XIV Governo Constitucional. Doutorou-se em Ciências da Comunicação, em 2007, na Universidade do Minho, na área de conhecimento de Sociologia da Informação. Atualmente é docente de Semiótica e de Jornalismo Radiofônico e coordena o curso de Mestrado em Ciências da Comunicação da UMinho. Em matéria de investigação, tem trabalhado sobre Semiótica da Imagem, sendo membro da equipe de um projeto de investigação sobre Postais Ilustrados. Participa também de um projeto sobre representações de crianças nos discursos midiáticos, onde se ocupa particularmente das representações visuais da infância. É secretária de direção da SOPCOM (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação) e membro de outras duas associações internacionais da área: a IAMCR (International Association for Media and Communication Research) e a ECREA (European Communication Research and Education Association).

A professora e pesquisadora da UMinho reconhece a importância das emissoras universitárias para a comunidade académica, mas alerta sobre o atual estágio de distanciamento (físico e de conteúdo) da RUM. Para ela, a programação precisa se aproximar do ambiente universitário, desde a produção científica até o cotidiano dos alunos, assim como entende que a sede precisa ser transferida para o *campus* (hoje a rádio se encontra fora do campus de Gualtar). As relações seriam fortalecidas, com a rádio se tornando um espaço para a formação profissional. “*Uma rádio universitária que não esteja de frente para o curso de Ciências da Comunicação da Universidade de que faz parte será sempre uma rádio coxa ou meio surda*”, destaca Madalena. A presença da rádio viabilizaria as produções dos alunos dos cursos de comunicação e também de outras áreas, estimulando a criatividade e a realização de novos projetos.

⁹ Entrevista exclusiva de Madalena Oliveira, como é chamada a professora: 31/08/2011.

Penso num modelo um pouco distinto daquele que temos. Penso numa rádio viva no campus, que tenha uma programação muito dedicada ao meio acadêmico, uma atenção muito intensa naquilo que é a produção científica que se faz no campus, naquilo que é a vida dos estudantes, que não se resume à semana de integração que nós chamamos de Semana do Caloiro, nem às festas acadêmicas do final do ano que nós chamamos de O enterro da Gata. Os alunos não existem apenas para essas festas, para essas comemorações. Eles têm vida, têm dificuldades, têm atividades. Eu não estou a dizer que a Rádio Universitária não faz a cobertura dessas atividades, mas seria muito mais intensiva se a rádio vivesse aqui (vivesse no sentido figurado). A primeira condição para uma rádio totalmente universitária seria a transferência dos estúdios e de toda a infra-estrutura para o interior do campus, porque se permitiria levar os alunos ao estúdio, fazer programas com os alunos no estúdio, o que hoje é muito difícil. Poderíamos estreitar essa relação com os cursos que formam os jornalistas se a rádio estivesse fisicamente mais próxima. Esse estreitamento revelar-se-ia na participação curricular dos alunos nas equipes de trabalho, na produção de exercícios em aula que possam ser emitidos, na integração na programação da rádio de uma ou outra rubrica de 10 minutos, matérias curtas, miniprogramas temáticos, séries dedicadas à música, alimentação e outras temas de atualidade. Ainda a ideia de associar a produção a outras disciplinas como, por exemplo, uma rubrica sobre a história do Século XX, que os alunos têm que frequentar, ou de economia, antropologia, psicologia, ou seja, convocar outras áreas disciplinares que, a partir do jornalismo, tivessem presença na rádio universitária. Nós temos uma ideia que é para desenvolver, e vamos ver se funciona, que é curiosamente um programa sobre as ligações Portugal-Brasil. Vamos convidar alguns estudantes a produzir uma série de programas sobre a visibilidade do Brasil em Portugal ou a presença de brasileiros em Portugal, num projeto que, em princípio, envolverá uma universidade

brasileira que fará o oposto, o retrato dos portugueses no Brasil. O retrato na ótica dos alunos sobre os portugueses que estão no Brasil e os brasileiros que estão em Portugal. Essa é uma ideia que pode vir a fomentar uma ligação muito mais estreita da academia (da formação em jornalismo) a uma rádio universitária e, eventualmente, contribuir para mudar o modelo atual. A rádio não precisa de ter a ligação somente com jornalismo, porque ela pode também incluir a produção de conteúdos em publicidade, em áudio, conteúdos em entretenimento, animação, como radionovelas. Por que não? Uma universidade que tem formação em Ciências da Comunicação, seja ela de jornalismo, de publicidade, de produção em audiovisual, e que tem uma rádio universitária, só na conjugação das duas vertentes dessas duas fases é que uma rádio é pensável. Uma rádio universitária que não esteja de frente para o curso de Ciências da Comunicação da Universidade de que faz parte será sempre uma rádio coxa ou meio surda.

Especialista em Informática, João Paulo Rebelo¹⁰ é o atual diretor técnico e de programas da Rádio Universitária do Minho. Começou como técnico em 2001, tendo se afastado da emissora em 2004. Retornou em 2006 para exercer a função de diretor técnico na rádio. É responsável pela programação e também pela realização de atividades educativas como a Escola de Rádio, projeto que oferece cursos de aperfeiçoamento à comunidade, em especial os alunos da UMinho. Uma das suas principais funções é a reformulação tecnológica da emissora, com a adaptação da rádio às mídias digitais. Neste contexto, suas preocupações atuais são o desenvolvimento do portal e a atualização dos conteúdos diante das novas linguagens.

João Paulo revela as dificuldades de comunicação entre a RUM e a UMinho, mas enaltece o espírito inovador da emissora, cujas portas “*estão e sempre estiveram abertas para todas as colorações, sejam universitárias ou não universitárias*”. Uma das propostas é a de ampliar a divulgação das atividades que

¹⁰ Entrevista exclusiva com João Paulo Rebelo: 22/08/2011.

são realizadas na Universidade, com a rádio sendo um canal entre a instituição e a sociedade.

A aproximação à Universidade é uma das falhas maiores no nosso caso. A aproximação à Universidade é complicada e nós não sabemos muito bem como é que havemos de resolver. Eu acho que tem um pouco a ver com a nossa identidade sonora, ou seja, o tipo de música que nós passamos. Como eu já expliquei anteriormente, nós temos uma série de programas que são muito específicos para públicos-alvos muito específicos. Não é qualquer pessoa de 21 anos, e eu não estou a fazer censura (atenção!), mas não é qualquer pessoa de 20, 21, 22 anos que gosta de um programa de Jazz, por exemplo, ou que gosta de Word Music ou que gosta de Música Popular Portuguesa. Nós temos faixas na nossa grelha que são muito específicas para determinados públicos. Nós sabemos, por exemplo, que somos capazes de ter 50 pessoas que gostam de um programa de Jazz. Aquilo que eu vejo e acho também que é um reflexo da sociedade portuguesa, a se calhar dos outros países, é que a música comercial é mais facilmente absorvida e, por isso, é aquilo que é mais ouvido. Não somos de todo uma rádio puramente comercial no tipo de música. Somos uma rádio que tanto pode ser mais erudita como pode ser mais estranha devido à quantidade de projetos e aos tipos de música que temos na nossa grelha. Eu acho que isso pode assustar um bocadinho os ouvintes, nesse caso específico dos estudantes universitários. Por exemplo, eu acho que as rádios mais ouvidas em Portugal são rádios muito comerciais que, como disse, tocam Madonnas, Rihannas... As portas da RUM estão e sempre estiveram abertas para todas as colorações, sejam universitárias ou não universitárias. Aliás, nós temos grande parte dos colaboradores que foram estudantes da Universidade do Minho. Alguns deixaram de ser estudantes, passaram a ser professores e continuam a colaborar conosco. Mas também temos muita gente que não está ligada ao ensino, que não está ligada às áreas de educação. São pessoas que têm apenas gosto em fazer

programa, em ouvir e passar a sua música, passar a sua voz e acrescentar algo com os seus programas. Portanto, estamos abertos a todos os tipos de colaboração. A única maneira que nós temos de chegar mais próximo à Universidade é constantemente continuar a divulgar as atividades que são feitas na Universidade. É importante para os alunos saberem o que a Universidade está a fazer para melhorar a qualidade de ensino, para lhes dar condições para estudarem. Nós, por exemplo, podemos ajudar na divulgação das atividades que são feitas na Universidade às empresas deste país, para que eles possam saber também o que é feito na Universidade do Minho e abrirem portas para as saídas profissionais. Desenvolver uma série de programas que permitam dar a conhecer a Universidade ao resto do País e o reverso também que é dar a conhecer o país à própria academia.

Eduardo Vicente¹¹ possui graduação em Música Popular pela Universidade Estadual de Campinas, Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. É professor e pesquisador no Departamento de Cinema, Rádio e TV (CTR) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, atuando na graduação (Curso Superior do Audiovisual) e no Programa de Pós-Graduação (Meios e Processos Audiovisuais) do CTR. Tem experiência nas áreas de Sociologia, Educação para os Meios e Produção Radiofônica e Musical, atuando principalmente com os temas da música popular, indústria fonográfica e radiodifusão. Desde 2007, é responsável entre outros, pela série de programas *Trilhas & Rolos*, uma produção experimental de rádio desenvolvida por alunos de diferentes turmas do Curso Superior do Audiovisual.

O professor da USP observa a Rádio Universitária, de um lado, como um “canal de comunicação entre a universidade e a sociedade”, e de outro, como um “espaço de experimentação”, diferente do atual modelo estabelecido pelas emissoras

¹¹ Entrevista exclusiva de Eduardo Vicente: 22/09/2011.

tradicionais. Eduardo destaca que este modelo de rádio é propício para a exploração de novas linguagens e formatos, seguindo o panorama atual oferecido pelas mídias digitais. As produções universitárias seguem esta tendência e precisam ser incorporadas ao ambiente das rádios. Para isso, é fundamental estabelecer uma relação de confiança para com os responsáveis pela produção discente, em especial os professores.

Acho que, na USP, uma rádio universitária deve ter duas preocupações principais. Por um lado, ser o canal de comunicação entre a universidade e a sociedade. Isso é particularmente importante no caso do Brasil, onde o papel da universidade pública tem sido bastante questionado pela sociedade. Por outro lado, ser um espaço de experimentação para os estudantes no desenvolvimento de programas radiofônicos que explorem mais radicalmente os recursos da linguagem e os formatos do veículo. As novas possibilidades de veiculação oferecidas por web rádios, podcasts, entre outras, demandam o desenvolvimento de novos formatos, mais adequados a diferentes públicos e demandas. Acho uma função fundamental da universidade oferecer o espaço para esse tipo de experimentação, especialmente no caso do rádio onde, diferentemente do que acontece com o cinema e o vídeo, não existem muitos outros espaços para exibição de produções experimentais ou alternativas. A minha experiência é que precisa existir, em primeiro lugar, um interesse da emissora por esses projetos, uma consciência de sua função enquanto emissora universitária. Não é incomum, infelizmente, que emissoras públicas, comunitárias e universitárias acabem reproduzindo o modelo de programação de emissoras comerciais e assumindo uma atitude conservadora diante de produções estudantis que podem não reproduzir a formatação de programa, o padrão de voz ou o modelo de texto tradicionais. Já da parte do professor desenvolver esse tipo de projeto implica numa relação de confiança com a emissora, garantindo a

entrega dos programas no prazo e assumindo a coordenação da produção e a intermediação da relação entre a emissora e os alunos.

Silvana Pires¹² é jornalista e trabalha na Rádio USP há mais de 20 anos. Atualmente, é coordenadora de programação da emissora e responsável pelo programa informativo *É o bicho!!!*, produção pioneira de conscientização pela não-comercialização de animais. Também é supervisora do projeto *Universidade 93,7*, que estimula alunos do curso de jornalismo a produzirem programas para a Rádio USP, além de professora colaboradora do Departamento de Jornalismo e Editoração na ECA-USP, em 2011.

A jornalista também considera a emissora universitária como um espaço para o experimentalismo, sobretudo diante da exploração de programas que tenham “profundidade de análise” dos temas propostos. O grande desafio é estimular o “*formador de opinião*”, no sentido daquele que não se conforma e que sempre está em busca do novo. Esta tendência é que vai permear o processo de ensino do radiojornalismo, com a integração do aluno aos projetos da emissora. Em contrapartida, a rádio universitária e, por conseguinte, os seus ouvintes serão beneficiados pela introdução de outros conteúdos que se diferenciam do atual esquema estabelecido pelas rádios comerciais.

Sempre penso na realidade da Rádio USP, em rádio pública e educativa, em primeiro lugar, e ligada à Universidade de São Paulo, em segundo. Acredito em muitas possibilidades para esse veículo que ultrapassam o esquema ‘rádio comercial’ que ouvimos pelo dial aqui de São Paulo. Em primeiro lugar, uma rádio experimental que busque novas possibilidades de programas, que seja aberta a todos os temas e que tenha ‘profundidade de análise’ dos temas propostos. O fato, a meu ver, de ser uma emissora educativa em momento nenhum a coloca

¹² Entrevista exclusiva de Silvana Pires: 04/10/2011.

como ‘pedagógica’ ou ‘chata na forma de levar temas para a discussão’. A pluralidade da USP, com pensadores em todos os campos, abre espaço para que os assuntos sejam abordados além do ‘verniz’ do lead. Que o ouvinte seja instigado a pensar por si próprio. Por ser uma emissora ligada à USP, deve cultivar esse ouvinte ‘jovem’, mas não deve se render ao comercial, não pode tratá-lo como a emissora ‘X’, que o vê como um alienado que consome tudo que a mídia lhe impõe. Nosso ouvinte, se for jovem, ótimo, mas o importante é que seja o ‘formador de opinião’, o que não se conforma, o que busca sempre novos conceitos e está aberto a novas experiências. Esse é o grande desafio.

A parceria entre as disciplinas de radiojornalismo e as emissoras universitárias são, a meu ver, de extrema importância para ambos. Os alunos, além da vivência em uma emissora de rádio, podem experimentar novos conceitos, pensar no veículo de forma mais profunda e criar programas que permitam essa experimentação. A emissora e os ouvintes também só têm a ganhar, já que o olhar novo possibilita a quebra da monotonia, o questionamento do trabalho vigente e uma dinâmica maior. Na prática, alunos podem se integrar aos projetos já existentes (independente do estágio), repensando e sugerindo novas possibilidades. Um exemplo que sempre discutimos: por que não colocar alunos em pontos estratégicos da Universidade um dia na semana para participar, ao vivo, com informações, no USP Notícias – Primeira Edição? Ou ainda criando novos programas ou participando da seleção de novos projetos da emissora”.

A nova ordem da comunicação possibilita encontrar um caminho para as emissoras universitárias e também para a formação em rádio e em jornalismo. Um desafio diferente que conduza à multiplicação dos conteúdos e também das metodologias de ensino. Conforme nossos entrevistados, a busca por um conceito de rádio universitária estabelece uma

dinâmica aberta, que está sujeita às alterações possíveis nos meios e nas conduções das mensagens:

Uma rádio aberta que represente e divulgue a universidade, sendo um meio de comunicação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Um espaço multidisciplinar e em multimídia destinado ao experimentalismo, com conteúdos e atividades educativas, científicas e culturais, inclusive com produtos elaborados por estudantes universitários, especialmente os de comunicação social, de tutela dos docentes e que são reconhecidos pela instituição de ensino superior.

CAPÍTULO DOIS

RADIOJORNALISMO NA UNIVERSIDADE DO MINHO

2.1. Departamento de Ciências da Comunicação do ICS/UMinho

O Curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação está ligado ao Departamento de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. A área de especialização em Informação e Jornalismo possui módulos híbridos que são oferecidos aos estudantes. No quarto semestre do Plano de Estudos, os alunos têm à disposição o *Atelier de Informação e Jornalismo I* (Imprensa/Rádio) e, no quinto semestre, *Atelier de Informação e Jornalismo II* (TV/Ciberjornalismo). O módulo direcionado ao Rádio é oferecido na segunda-feira, das 9 às 13 horas, e o de Imprensa na quarta-feira, também das 9 às 13 horas. As professoras Sandra Marinho e Luisa Ribeiro são as responsáveis pelo módulo de Imprensa. Já a professora Maria Madalena Costa Oliveira é a responsável pelo módulo Rádio, que é também chamado de *Jornalismo Radiofónico*¹³, com atendimento aos alunos na terça-feira, das 16 às 18 horas. São 14 encontros de 8 (oito) horas semanais, sendo 6 (seis) horas de aula e 2 (duas) tutoriais. O total do curso é de três anos, correspondente a 180 créditos ou 5.040 horas no total e o da disciplina é de 280 horas ou 10 créditos (aulas + tutoriais + horas de estudo individual + horas de estudo em grupo), com metade destinada ao curso de rádio, ou seja, 140 horas. A formação em *Jornalismo Radiofónico* corresponde, aproximadamente, a 2,8% do curso.

O conteúdo programático do módulo de Rádio é dividido em nove tópicos: história do rádio, características do meio, locução, linguagem radiofônica, gêneros jornalísticos, trabalho em equipe, serviço público de radiodifusão, tipologia de programas radiofônicos e empresas, grupos econômicos e lógicas empresariais.

¹³ O mesmo que Radiojornalismo, como é utilizado na USP. Por isso, este termo foi mantido no título deste capítulo.

O programa da disciplina revela que o curso proporciona não só um conhecimento do campo específico da produção radiofônica, mas também prepara os estudantes para rotinas e técnicas de informação no rádio. A expectativa é que o aluno conheça a especificidade do meio rádio, desenvolva competências específicas da linguagem radiofônica, seja sensível à natureza do jornalismo radiofônico, possa desenvolver práticas jornalísticas adequadas ao meio radiofônico e reflita sobre os modelos narrativos do rádio ajustada ao suporte da web.

Já os objetivos do Atelier, no sentido de proporcionar o alcance destes resultados de aprendizagem, são, no que diz respeito ao módulo de Rádio, os de promover sessões de reflexão e discussão sobre problemáticas relacionadas com o jornalismo radiofônico, estimular o sentido crítico relativo às produções radiofônicas, fomentar o debate acerca das condicionantes inerentes ao processo de produção de informação radiofônica, perspectivar o rádio como um meio readaptado ao contexto das novas tecnologias e simular o contexto de uma redação, exercitando a produção de informação em diferentes gêneros jornalísticos.

A avaliação final resulta dos seguintes instrumentos: **(1)** Exercícios práticos a realizar no contexto das sessões de contato (que constituem o dossiê de práticas do aluno, uma espécie de *portfólio sonoro*). Também são considerados os trabalhos a realizar fora das sessões. O conjunto destes trabalhos práticos contribui para 40% da nota final do módulo. É obrigatória a entrega de, pelo menos, oito trabalhos. Os alunos que não cumprirem este mínimo não são avaliados. **(2)** Apreciação, pelo docente, do envolvimento dos alunos nas sessões (assiduidade, disponibilidade, organização e pontualidade na entrega dos exercícios de prática contínua). Esta apreciação é especialmente considerada em arredondamentos finais das classificações. **(3)** Teste de avaliação dos conhecimentos, que corresponde a 20% para a nota final do módulo. **(4)** O trabalho final individual, que contribui com 40% da nota final do módulo, deverá ter o formato de grande reportagem de, no máximo, 10 minutos de duração, junto com o texto da matéria. O tema

é de livre escolha de acordo com a atualidade informativa, com planejamento junto com o professor.

Segundo Madalena Oliveira, a composição da disciplina é sempre dividida entre teoria e prática. Os exercícios reproduzem as ações do cotidiano que podem ser vivenciadas pelos jornalistas de rádio. Desta forma, os alunos produzem, no primeiro momento, matérias sobre notícias veiculadas nos grandes meios, como, por exemplo, uma entrevista a uma figura da atualidade, que foi publicada em jornal impresso. Já no segundo momento, os estudantes produzem as peças radiofônicas no estúdio, tendo como base a simulação. Além das matérias de assuntos advindos da grande imprensa, são elaboradas matérias baseadas em conferências, eventos no campus, entre outros. O último momento é composto pelo trabalho em grupo. Os alunos planejam noticiários com matérias sobre a universidade e coletam informações no local, por meio de gravações em direto, neste caso particular, sem simulação.

No último semestre do curso de licenciatura, os alunos são convidados a desenvolver um projeto integrado em multimídia, com a produção de matérias em diversas linguagens, como a radiofônica, televisiva, impressa, entre outros, sobre um determinado tema. O material final é posteriormente divulgado em um *website*, que também é planejado pelos discentes.

A relação com a Rádio Universitária do Minho é proporcionada pela disponibilização, por parte da emissora, de apoio técnico aos alunos na produção de matérias para a disciplina de rádio, como a gravação de entrevistas pelo telefone. A RUM também oferece vagas de estágios, como o curricular (três meses) e o profissional (nove meses). No âmbito da Pós-Graduação, além dos estágios, a emissora é foco de pesquisas, como as do professor Marcelo Mendonça Teixeira. De acordo com Madalena, existe a intenção de viabilizar um projeto em que os alunos produzam um conjunto de programas (série) sobre determinado tema para posterior divulgação na grade da emissora.

2.2. Rádio Universitária do Minho (RUM)

A Rádio Universitária do Minho (RUM) foi fundada no dia 15 de julho de 1989, pela Associação Acadêmica da Universidade do Minho (AAUM) e conta também com o apoio da UMinho. A emissora é uma estação que se insere no segmento “generalista” e, por isso, possui uma programação diversificada, com espaço para os mais variados conteúdos, sobretudo os alternativos. A rádio tem um projeto diferenciado, com diversas atividades integradas ao ensino e a cultura.

O diretor da emissora, Vasco Leão¹⁴, é formado em Geografia e Planeamento e Mestrando em Geografia – Planeamento e Gestão do Território, ambos na Universidade do Minho. Também foi Presidente da Associação Acadêmica da Universidade do Minho e está no comando da rádio desde 2004. Sua ligação com as instituições permite a Vasco Leão definir o atual perfil da emissora:

A Rádio Universitária do Minho tem de ser um laboratório e deve ter, como nos fizemos a partir de 2005, um tronco comum, uma programação bem definida, respeitando o modelo que nós pensamos para a rádio e que já vem de trás. Foi só adaptar algumas coisas, mas depois vai ter um outro componente que é o da experimentação, onde entram os programas do autor, que não tem espaço em outras rádios, e a programação musical muito eclética, que vai desde o jazz ao rock alternativo.

A emissora¹⁵ conta com uma sala de redação, uma sala de programação, três estúdios, sendo um direto para transmissão e dois de edição e gravação, além do estúdio de televisão, primeira novidade em comparação com a Rádio USP. Nesses anos, diversos programas foram apresentados pela emissora, sendo que muitos ainda são transmitidos e outros ou foram

¹⁴ Entrevista exclusiva de Vasco Leão: 14/10/2011.

¹⁵ As informações sobre a emissora sobre a programação estão sujeitas a sofrer alterações, em decorrência da mudança da grade (grelha) ou mesmo pelo encerramento de programas.

extintos ou aparecem esporadicamente na programação.

A programação musical sempre foi o carro-chefe da emissora, com destaque para o *Top RUM*, ainda o programa mais ouvido da rádio. A música é o tema preferido do gênero Programa do Autor, como *A descoberta dos sons* (José Moças) e *Domínio dos Deuses* (Pedro Portela) e de coberturas especiais, como os festivais de verão, entre eles, o conceituado *Festival Paredes de Coura*.

O jornalismo é fundamental na programação da RUM, com a transmissão de boletins periódicos, geralmente, de hora em hora. Programas de entrevistas como o *Campus Verbal* e de debates como o *Praça do Município* completam a lista de produções informativas, assim como radiojornais (*UM em Antena*) e coberturas especiais (*Serralves em Festa*, série de atividades na cidade do Porto).

O *UM em Antena* é o programa dirigido aos assuntos sobre a Universidade do Minho. Os jornalistas fazem coberturas de eventos universitários que são inseridos no radiojornal, como a “Feira de Profissões”. Durante o período letivo, as notícias da universidade também são transmitidas periodicamente na programação da rádio, durante os boletins.

A emissora atende as diversas áreas de interesse e, por isso, procura estimular a produção de programas especializados em economia (*Rumo Económico*), meio ambiente (*ECO RUM*), saúde (*Um Minuto de Saúde*), inclusão social (*ECOS*), educação (*Erasmus Voice*), cultura (*Livros com RUM e Leitura em Dia*), esporte (*Táticas*), entre outras temáticas.

A rádio também disponibiliza espaços para a opinião, com as crônicas de colaboradores, como o ator Antônio Durães, o deputado João Delgado e o professor José Precioso, entre outras lideranças como os presidentes da AAUM, em 2011, o universitário Luis Rodrigues. A emissora oferece, eventualmente, programas com conteúdos variados. Radionovelas (entre elas, *Lá se vai o chafariz*, produzida pelo Centro Cultural Vila Flor de Guimarães), programas multiculturais (*Rendez Vous*), e diários de bordo (*Dar a volta e Bem vindos ao Cairo*), já foram difundidos pela emissora.

A principal atividade pedagógica da emissora de rádio, para surpresa, é um periódico impresso, o *Jornal Académico*,

com tiragem de dois mil exemplares, com reprodução pelo <http://academico.rum.pt>.

Daniel Silva¹⁶ é jornalista da Rádio Universitária do Minho e coordenador do *Jornal Académico*, periódico oficial da Associação Acadêmica da UMinho, que conta com a participação dos alunos da Universidade. Também é Mestrando em Ciências da Comunicação na mesma instituição, com um projeto sobre jornalismo esportivo. Ele revela que o *Jornal Académico* é um complemento para a formação profissional. O planejamento determina reuniões semanais, com a distribuição da agenda aos alunos. As pautas são sugeridas por Daniel e pelos estudantes, com um prazo para a entrega das matérias. São cerca de trinta colaboradores em média. A versão *on-line* também possui uma galeria virtual para publicação das fotos produzidas pelos estudantes. Além de auxiliar os alunos na coleta de dados e na confecção das matérias, Daniel é responsável pelo planejamento e produção do jornal.

Eu não sou um professor para eles e não quero substituir a figura do professor. Eu sou apenas um pequeno componente à formação que eles têm em sala de aula, local onde eles aprendem com profissionais na área do jornalismo e com professores que se dedicam a lecionar estas matérias. Fora da aula, eles podem ter esta experiência prática. Este jornal acadêmico serve como um laboratório para eles. Uma vez que são alunos ainda em fase de aprendizagem, é dado espaço a eles. É claro que os erros vão acontecer por parte dos alunos, mas aí é um papel que eu vou ter uma intervenção. Eles enviam os artigos no final da semana, eu faço a correção dos artigos e envio o feedback dizendo o que estava, o que não estava bem, o que deveriam melhorar e dou algumas luzes para eles para que, da próxima vez, já terem mais algumas orientações de como fazer um artigo.

Daniel também ressalta que a edição final é realizada com o auxílio da equipe dos alunos e de jornalistas da RUM. A

¹⁶ Entrevistas exclusivas de Daniel Silva: 12/08/2011 e 22/08/2011.

distribuição dos exemplares é de responsabilidade dos estudantes. O periódico tem cerca de vinte páginas e também possibilita a contribuição de outros colaboradores, como jornalistas, professores, alunos de outros cursos, entre outros. O trabalho dos alunos da UMinho e dos colaboradores é sempre voluntário. Diante da linha editorial, o jornalista ressalta que, na regra geral, os temas inseridos “são atividades leves que os jovens têm o interesse de saber no seu cotidiano”. Segundo Daniel, o jornal possui a seguinte estrutura:

Descrição: *O jornal “Académico”, propriedade da Associação Académica da Universidade do Minho, sob gestão da Rádio Universitária do Minho, é editado semanalmente, durante o período lectivo de aulas, e distribuído gratuitamente nas instalações da Universidade do Minho, e noutros espaços das cidades de Braga e Guimarães. Apesar do seu enquadramento na R.U.M., o Jornal Académico é realizado exclusivamente por estudantes da Universidade do Minho, a maior parte do curso de Ciências da Comunicação. É o único semanário académico nacional, com uma tiragem de 2000 exemplares por semana. É um jornal independente, generalista, pluralista, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica e política. É um jornal de informação e divulgação, que abrange os diversos campos de actividade da Universidade, numa tentativa de corresponder aos interesses da comunidade académica e do seu público. Esta publicação tem como objectivo dar expressão ao dever de informar e ao direito de ser informado, promovendo, simultaneamente, o conhecimento da própria Universidade junto dos leitores.*

Metodologias: *Os principais objectivos deste projecto:*

- *Pretende-se que o jornal se distinga pelo rigor, objectividade e isenção no tratamento das notícias;*
- *Informar os leitores sobre os principais acontecimentos que decorrem na Universidade do*

Minho, ou fora dela, mas que de algum modo dizem respeito à Instituição e aos seus membros;

- *Disponibilizar aos leitores um espaço onde possam exprimir livremente a sua opinião sobre os mais diversos temas de interesse para a Universidade;*

- *Proporcionar aos alunos, prioritariamente aos que frequentam o curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, a oportunidade de redigir artigos de carácter jornalístico para o semanário;*

- *Preocupação com o rigor da escrita, correcção e elegância narrativa;*

- *Informação rigorosa e isenta sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica; Este jornal é essencialmente um projecto realizado e levado a cabo por estudantes, que utilizam este meio para se valorizarem profissionalmente, com a experimentação prática. A estrutura do jornal é aberta aos estudantes da Universidade do Minho. Este projecto inclui ainda um website informativo, que serve como um complemento ao jornal em papel. De momento estão em renovação. A divisão de responsabilidades é outra das componentes deste projecto. Além do cargo do director do Jornal, que é o Administrador da RUM, e do editor executivo, os restantes cargos de supervisão do jornal são ocupados por estudantes, como chefe de redacção, editores e paginadores. A forma das pessoas crescerem é também sentirem o efeito da responsabilidade sobre as suas acções. A Associação Académica da Universidade do Minho, através Rádio Universitária do Minho, RUM, possui um jornal semanário, o único do país, realizado por estudantes da Universidade do Minho.*

(Fonte: Daniel Silva, 09 de agosto de 2011)

A RUM ainda possui uma emissora de televisão, com transmissão por circuito interno nos *campi* da UMinho e também pela Internet, a AAUMTV (<http://tv.aaum.pt>), que ainda está em fase de aperfeiçoamento. O jornalista Daniel Silva e o produtor Paulo Ferreira são os responsáveis pela cobertura,

geralmente sobre notícias da UMinho e da Associação Acadêmica da Universidade do Minho (AAUM). A colaboração dos alunos de jornalismo é uma possibilidade que está sendo estudada pelos responsáveis.

As atividades desenvolvidas pela equipe da RUM (jornalistas, radialistas, colaboradores, estudantes / estagiários e convidados) são interessantes pontos de apoio para o ensino, sobretudo das técnicas radiofônicas. João Paulo Rebelo também é um dos responsáveis pelos projetos. A Rádio desenvolve iniciativas para a interação com a comunidade, na sua maioria, alunos da UMinho.

O projeto *Escola de Rádio* oferece cursos profissionalizantes para o desenvolvimento na escrita para rádio, técnicas de voz, edição de áudio, entre outros. A coordenação é da equipe de produção / programação, em parceria com a equipe de informação. A iniciativa integra programas da UMinho, como o *Verão no Campus*, além de oferecer, esporadicamente, oficinas aos interessados em rádio. Nos cursos, os profissionais apresentam à estrutura da emissora e oferecem treinamento aos iniciantes. Algumas iniciativas são analisadas e podem integrar a programação. Os critérios são definidos pela qualidade da voz e do conteúdo produzido pelos candidatos. Além disso, é uma oportunidade para a descoberta de talentos que também podem ser aproveitados na equipe.

O vínculo com a Agência Nacional para a execução do Programa *Juventude em Ação* foi fundamental para a RUM desenvolver o projeto *Laboratório de Jornalismo*. A proposta é oferecer um curso (teórico e prático) sobre temas de relevância como a juventude e a promoção do Ano Europeu de Combate à Pobreza e à Exclusão Social, assunto abordado em 2010, com financiamento do programa. A parceria também proporcionou aos jornalistas Daniel Silva, Elsa Moura e Carlos Santos representarem a emissora fora do país, como no evento do programa, realizado na Letônia, em 2010. O tema da apresentação foi o trabalho realizado no *Laboratório de Jornalismo*.

O projeto *Democracia Viva* convida personalidades do país para discutirem assuntos da democracia ligados aos

jovens universitários. Além da UMinho, as atividades são realizadas em outros espaços da cidade de Braga, como museus, bares, entre outros.

O Programa Erasmus é o intercâmbio entre os alunos de universidades europeias. A RUM, em parceria com estudantes e convidados, realiza eventos com workshops e palestras. A rádio também possibilita a produção do programa *Erasmus Voice*, que é gravado diretamente dos *campi* da UMinho e transmitido em períodos variados. As transmissões são, atualmente, de responsabilidade da equipe da rádio.

A emissora recebe a visita de pessoas de diversas partes do mundo, entre eles, pesquisadores, professores e intercambistas, além de alunos de universidades e colégios. Além dos alunos Erasmus, existe a presença de voluntários do SVE (Serviço Voluntário Europeu), que também está integrado ao programa *Juventude em Ação*.

Atividades culturais são desenvolvidas pela RUM. Os voluntários do programa *Juventude em Ação* e os intercambistas Erasmus são estimulados a oferecerem cursos de seu conhecimento, como os já realizados de fotografia, cinema, teatro, dança, etc.

Representantes da Letônia, França, Bélgica, Itália, Turquia, Brasil, Indonésia, entre outros, já estiveram na sede da emissora. O programa de visitação é coordenado pelo radialista Sérgio Xavier, que apresenta a proposta e a dinâmica da RUM.

O portal da Rádio Universitária do Minho (<http://www.rum.pt>) possui acesso à AAUMTV e ao *Jornal Académico*, com os arquivos sendo disponibilizados aos interessados, principalmente os alunos, que contam ainda com um espaço para fotografias. As mídias sociais estão à disposição, principalmente o Facebook. Já a *newsletter* é sempre direcionado aos alunos da UMinho. O portal possui ainda uma *Galeria de Fotos* dos eventos cobertos e organizados pela emissora, que também aceita a contribuição de colaboradores.

As atividades culturais desenvolvidas pela RUM e pela UMinho, além das áreas de cobertura, como a Região do Minho e do Douro, merecem destaque e são disponibilizadas no espaço *cultur@rum* (<http://cultura.rum.pt>).

As mídias sociais são utilizadas, em particular o Facebook (<http://www.facebook.com/radiorum>), que é atualizado pela equipe da emissora, geralmente pelo comunicador que está no ar. Twitter, hi5, last.fm, Myspace, Cotonete, Sapo Vídeos, YouTube, blogs dos produtores, newsletter, seção *Opinião*, além de e-mail e telefone, são outros espaços de comunicação. Alguns programas são disponibilizados em *podcasts* e podem ser acessados pelos internautas. Um fator interessante é a produção de cartazes dos programas, muitos inclusive criados em parceria com os estudantes.

CAPÍTULO TRÊS

RADIOJORNALISMO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

3.1. Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP

A grade do curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, oferece duas disciplinas direcionadas especificamente ao ensino do radiojornalismo. As disciplinas *CJE 0603 – Radiojornalismo* e *CJE 0532 – Projetos em Rádio* são disponibilizadas semestralmente e em sequência, na segunda-feira, das 8 às 11h55, para o período diurno, e na quinta-feira, das 19h30 às 22h45, para o período noturno, sempre intercalando os semestres.

A grade também disponibiliza uma disciplina híbrida para iniciação ao jornalismo audiovisual, a *CJE 0600 – Jornalismo no Rádio e na TV*, que é oferecida no primeiro ano, sob responsabilidade do Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro, um dos principais nomes desta área no Brasil. A proposta da disciplina conduz o aluno ao conhecimento das técnicas básicas, como também propõe a discussão do papel político e social desempenhado pelo rádio e pela televisão na sociedade contemporânea, com ênfase na convergência tecnológica e na produção audiovisual independente. No curso, os alunos produzem programas de rádio e um vídeo, recebendo informações sobre as linguagens audiovisuais e sobre a operação dos softwares básicos de edição. “*É fundamental que esta disciplina seja ministrada no primeiro semestre do curso, para que os alunos desmistifiquem a tecnologia envolvida na produção audiovisual*”, afirma o professor Santoro¹⁷. As disciplinas específicas representam cerca de 5% do total das 4590 horas do curso de jornalismo, mas sobe para 7,5% se adicionar esta disciplina introdutória.

A disciplina *CJE 0603 – Radiojornalismo* tem como finalidade estudar e avaliar as manifestações noticiosas no rádio, preparando os alunos para a utilização das técnicas de produção,

¹⁷ Depoimento de Luiz Fernando Santoro realizado por e-mail em 15 de agosto de 2011.

com o objetivo de desenvolver o conhecimento das potencialidades do meio, aliado ao estudo crítico do jornalismo praticado no rádio atual. A carga horária total é de 150 horas, com validade de quatro créditos.

A disciplina possibilita o contato com os princípios e as técnicas do radiojornalismo, desde a evolução do meio até a condução da notícia. Desta forma, as produções, como reportagens e radiojornais, são fundamentais para a compreensão das características da mensagem, como a estrutura e a linguagem. Além da crítica e da criatividade, a proposta é desenvolver o potencial do aluno para o planejamento da política editorial de noticiários radiofônicos.

A metodologia está dividida em três etapas: teoria, produções individuais e planejamento em grupo. A primeira fase é constituída pela aproximação com as principais teorias sobre radiojornalismo, como a interatividade, a padronização da notícia, as modalidades e gêneros, a evolução do meio, entre outras discussões. No segundo momento, após os debates sobre a função da pauta e o planejamento de programas, os alunos – individualmente – produzem as matérias, como reportagens e entrevistas. Esta fase é destinada ao desenvolvimento do estilo, bem como da responsabilidade para com a produção jornalística, principalmente as matérias externas e sua relação com o cotidiano. A primeira avaliação também é feita individualmente, com observações sobre a aplicação dos principais conceitos. A etapa final é composta pela montagem dos radiojornais, com a estrutura clássica para noticiários. O trabalho em grupo é valorizado, com a oportunidade de debates diante da ética e da convivência. A correção é coletiva, com detalhes sobre a missão e a responsabilidade social do jornalista de rádio.

Na disciplina *CJE 0532 – Projetos em Rádio*, os alunos produzem programas em diferentes formatos do radiojornalismo. O objetivo é fornecer ferramentas para o planejamento de materiais que possam ser veiculados nas emissoras de rádio. A base do curso é o domínio das especificidades do meio radiofônico como divulgador de notícias. A disciplina também tem 150 horas, equivalente a quatro créditos.

A proposta é apresentar possibilidades de produção radiojornalística que conduzam ao aperfeiçoamento do atual modelo proposto pelas emissoras de rádio. O aluno tem a possibilidade de experimentar as diversas formas de condução da notícia, que são definidas pela escolha do gênero a ser utilizado, como o debate, a mesa-redonda, o especial, o temático, o documentário, a revista radiofônica, entre outros que possibilitam a interpretação da mensagem.

A produção em grupo é priorizada nesta disciplina, para despertar a necessidade do trabalho coletivo, imprescindível ao jornalismo, bem como pela necessidade do convívio e da integração entre os alunos. A responsabilidade aumenta porque as produções são transmitidas pela Rádio USP, geralmente aos domingos, das 11h30 às 12 horas, durante o programa *Universidade 93,7*.

A classe é dividida em grupos que produzem três programas durante o semestre. Os gêneros são alternados, com a intenção de desenvolver a capacidade do aluno para a escolha do melhor formato para a aplicação do tema proposto. As pautas são desenvolvidas pelos alunos, que discutem a relevância e a viabilidade da proposta.

A dinâmica da aula segue a seguinte estrutura: aplicação da teoria, desenvolvimento da pauta, montagem do programa, gravação, edição, pós-produção, divulgação, transmissão e avaliação final. Cada programa possui duas notas (uma coletiva e outra individual), como forma de identificar as lacunas no processo de produção. Sempre é proposto um debate final para análise dos resultados.

Site www.eca.usp.br/radiojornalismo

O projeto é uma iniciativa que divulga as produções radiofônicas desenvolvidas no CJE e está integrado às disciplinas específicas de radiojornalismo. A intenção é preencher o hiato deixado pelas emissoras comerciais e educativas, com um conteúdo voltado para as notícias que fogem da agenda diária dessas emissoras. As produções dos alunos seguem esta linha e, por isso, são disponibilizadas aos interessados.

O plano de trabalho utiliza a tecnologia digital, como meio de ampliar o processo de ensino-aprendizagem. A proposta é desenvolver o conhecimento do aluno para a aplicação continuada do radiojornalismo em diversas plataformas. Os conceitos desenvolvidos em sala de aula oferecem a possibilidade de conduzir a notícia em espaço aberto, por meio de coberturas atuantes, periódicas e inovadoras.

A transversalidade do curso de jornalismo permite que os alunos, desde o primeiro até o último ano, possam elaborar produtos noticiosos. A proposta é que os universitários divulguem as produções elaboradas tanto em sala de aula, como fora dela. O interesse é estimular o exercício do radiojornalismo diante do conteúdo, formato e estrutura, como forma de rediscutir a atual produção radiofônica no Brasil.

A transmissão radiojornalística, via Internet, é apenas o início de um processo de ampliação dos projetos do CJE direcionados ao fazer jornalístico. O trabalho em rádio é uma alternativa para os futuros profissionais de comunicação, principalmente dos comunicadores que desejam conduzir o jornalismo como forma de conhecimento, democratizando a informação.

A periodicidade é a base deste projeto, com os programas sendo divulgados periodicamente pelo site *www.eca.usp.br/radiojornalismo*. As produções são extraídas, na sua maioria, das disciplinas de *Radiojornalismo e Projetos em Rádio*. Como o espaço é aberto, outras produções como de Pós-Graduação, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), programas independentes ou integrados a outras disciplinas, elaboradas por alunos e professores do departamento, também são disponibilizadas. É importante ressaltar que o material passa pela avaliação do professor responsável, antes da divulgação.

A linha editorial é pela atuação responsável dos jornalistas para com o público, conduzindo o trabalho pela busca de fontes seguras, que levam ao esclarecimento diante da notícia. Um jornalismo para todos, com uma linguagem fácil e acessível, que leve à divulgação dos assuntos pouco ouvidos (discutidos) no rádio brasileiro.

Os alunos recebem uma senha para inserir os áudios, além de imagens, textos e vídeos. Os programas estão disponíveis aos

interessados, que podem fazer *download* dos arquivos. O espaço também integra pesquisas e bibliografias sobre rádio, além de informações sobre o projeto. A responsabilidade técnica do site é do web designer e funcionário da Escola de Comunicações e Artes, Ulisses Rodrigues de Paula. A próxima etapa é possibilitar, aos alunos, a construção de uma emissora pela Internet, no modelo das atuais *web rádios*.

Universidade 93,7

Em 2008, o Departamento de Jornalismo e Editoração iniciou uma parceria com a Rádio USP que modificou a metodologia de ensino das disciplinas voltadas ao radiojornalismo. A proposta do projeto *Universidade 93,7* era simples, com transmissão de programas de, em média, trinta minutos, geralmente, em três formatos (entrevistas, especializados e audiobiografias), que explorassem temas de interesse público como saúde, educação, segurança, habitação e esportes.

Antes do projeto, as produções dos alunos eram apenas inseridas no site www.eca.usp.br/radiojornalismo, com algumas sendo utilizadas apenas como exercícios em sala de aula. O fato das produções serem veiculadas pela Rádio USP causou uma transformação nas atividades práticas. Alguns critérios foram estabelecidos para a entrega dos trabalhos, como planejamento da pauta e da produção, além dos prazos definidos pela emissora.

A metodologia da disciplina exigiu também uma mudança de comportamento do professor, que começou a estudar novos conceitos para evitar a padronização dos programas e repetição de modelos já estabelecidos. A motivação dos alunos foi o maior ganho, com debates e cobranças diante da responsabilidade de cada um perante o grupo, a disciplina e a Rádio USP.

As produções utilizam formatos já conhecidos, mas com possibilidade de experimentação de novas tendências. Quanto às entrevistas, são realizados debates e mesas-redondas com especialistas no tema. Já diante dos especializados são elaboradas coberturas específicas de cada tema. Por fim, as audiobiografias são compostas pela vida e obra de

personalidades de relevância social no Brasil e no mundo. Os formatos podem ser diversificados pelos alunos que, esporadicamente, também produzem documentários, revistas radiofônicas, entre outros. São exigidas pesquisas de arquivos sonoros, matérias externas, principalmente reportagens, participação de entrevistados, além de outros recursos como música (inclusive com produções no estúdio), efeitos (produzidos pelos alunos, como vinhetas), reconstituições (leitura de obras, radioteatro, entre outros).

Os programas visam o aprofundamento de temas específicos que merecem destaque no universo social, em especial os assuntos cotidianos, que não são explorados pelas emissoras de rádio. As produções são conduzidas pelos alunos da disciplina *CJE 0532 – Projetos em Rádio*, com a intenção de aplicar os conceitos e princípios do radiojornalismo, como a definição de linha editorial, variação dos gêneros, diversidade de pauta e de produção, trabalho coletivo, entre outros. Além disso, o projeto *Universidade 93,7* propõe a integração do aluno com a Rádio USP FM, por meio da divulgação de trabalhos especiais realizados no curso.

O espaço do programa está aberto para produções de radiojornais e de reportagens dos alunos da disciplina *CJE 0603 – Radiojornalismo*, assim como para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos no curso de jornalismo. Trabalhos independentes elaborados pelos alunos do CJE também são transmitidos, mediante avaliação.

Os arquivos estão disponíveis nos sites www.radio.usp.br e www.eca.usp.br/radiojornalismo, que possuem informações sobre o conteúdo dos programas. Desta forma, os alunos ouvem e divulgam as produções elaboradas em sala de aula.

3.2. Rádio USP

A Rádio USP FM 93,7 nasceu em 11 de outubro de 1977 como a emissora educativa da Universidade de São Paulo. A rádio está instalada no campus Butantã e é considerada um dos principais canais de comunicação da USP, junto com o Portal da Instituição. A emissora ganha importância com a criação da

Rede USP de Rádio em 1º de setembro de 2002 que, logo no primeiro ano de funcionamento, é premiada pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como destaque na Categoria Rádio. A rede integra também as emissoras de São Carlos e Ribeirão Preto, com possibilidade de expansão para os demais *campi* da universidade, como Piracicaba e Bauru, entre outros.

Em 2000, a Rádio USP também recebeu o prêmio da APCA como melhor programação musical, com destaque ainda para a melhor programação de cultura geral e melhor programa de variedades. Além disso, a emissora recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e o Terceiro Concurso Internacional de Programas de Rádio, promovido pela Rádio Cubana, que foi vencido pelo programa *Clip Atualidades*.

A versatilidade da programação é o ponto alto da emissora. Assim como a RUM, a grade sofre alterações, por causa da interrupção ou cancelamento de alguns programas, fato comum entre as emissoras de rádio e televisão. Assim, será apresentado um contexto dos principais programas, que foram transmitidos pela emissora nesses últimos anos:

Os radiojornais *USP Notícias – Primeira Edição* e *USP Notícias – Segunda Edição* e os boletins noticiosos são produzidos pela equipe de jornalismo, que também conta com a colaboração da Agência USP de Notícias. A equipe também é responsável pela produção de programas de entrevistas, como o *AudioPapo*, com o jornalista Fábio Rubira; o *Biblioteca Sonora*, do radialista Marcello Bittencourt, e de prestação de serviços, como o informativo *É o bicho!!!*, com a jornalista e coordenadora de programação, Silvana Pires. Já os especializados merecem destaque, como o *Sobre rodas* (automobilismo), *Cinema Falado*, *Via Sampa* (cultura), *Sala de leitura (literatura)*, *Clip Informática*, *Saúde Feminina* e *Esporte Acontece*.

A diversidade musical é a proposta da Rádio USP, que apresenta uma variedade de gêneros, apesar da preferência pela música brasileira. Existem espaços específicos para cada gênero como o samba (*O Samba pede passagem*), dance (*Nonstop Music*), rock'n'roll (*Johnny B. Rock*), pop rock (*O Pop Rock levado a sério*), new age, world music e

eletrônica (*Alquimia*), jazz (*Jazz Caravan*), música brasileira (*Olhar Brasileiro e Empório Musical*), música regional (*O sul em cima*), entre outros.

O programa de autor é outro gênero com espaço na programação, entre eles, o *Memória*, com Milton Parron, o *Rádio Show History*, do radialista Cyro César, *Assobio49*, do professor Pedro Paulo Salles e Julia Stange, *Grandes Mulheres*, da locutora e atriz Annete Moreira e *Rádio Matraca*, dos jornalistas Laert Sarrumor e Ayrton Mugnaini Júnior e da radialista Alcione Sanna. Além disso, a rádio conta com a participação de colaboradores que apresentam programas opinativos e de serviços, entre eles, o publicitário Ângelo Franzão (*Mundo da Comunicação*), a professora Maria Lígia Guidin (*Que tal o seu português?*) e o médico João Paulo Becker Lotufo (*Saúde Global*).

Os programas mais ouvidos da emissora são *O Samba pede passagem*, produzido e apresentado por Moisés da Rocha, pesquisador que se dedica à preservação das raízes culturais afro-brasileiras, e o *Rádio Matraca*. Enquanto *O Samba pede passagem* foi o primeiro programa no gênero em FM na cidade de São Paulo, o *Rádio Matraca* tem humor, música e informação. As duas produções estão há mais de 25 anos no ar, uma raridade até para emissoras comerciais.

A emissora disponibiliza o arquivo dos programas pelo site www.radio.usp.br. No espaço, os ouvintes ainda podem ouvir a programação ao vivo, conhecer a história da emissora, acessar dados da programação e dos produtores, além da possibilidade de leitura das principais notícias do dia. Este fato demonstra o pioneirismo da Rádio USP em várias frentes (foi a primeira emissora de Rádio do Sudeste a dar voz às comunidades indígenas com o *Programa de Índio*), e expõe a variedade da programação que vai de encontro ao perfil de pluralidade da Universidade de São Paulo.

A parceria com a ECA proporciona um espaço para divulgação dos programas produzidos pelos alunos dos cursos de graduação em comunicação social, como o *Trilhas & Rolos*, coordenado pelo professor Eduardo Vicente, do Curso Superior de Audiovisual, do Departamento de Rádio e Televisão

(CRT), além do *Universidade 93,7*, coordenado pelo professor Luciano Victor Barros Maluly, do Curso de Jornalismo, do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE). Além de transmitir os programas, a emissora disponibiliza apoio técnico aos alunos para as gravações de entrevistas e edição final.

A série de programas *Trilhas & Rolos* é uma produção experimental de rádio desenvolvida por alunos de diferentes turmas do Curso Superior do Audiovisual, do Departamento de Cinema, Rádio e TV, desde 2007. Segundo o professor Eduardo Vicente, docente responsável pelo projeto, a ideia é que cada aluno, a partir do tema geral da música no cinema e na TV, produza seu próprio programa, escolhendo livremente o foco de sua seleção musical. Assim, o *Trilhas e Rolos* diz muito não apenas sobre a música no cinema e na TV, mas também sobre a diversidade de interesses das novas gerações de produtores audiovisuais que o curso está ajudando a formar. O programa é um estímulo para outros projetos planejados pelo professor Eduardo, frutos da parceria entre CTR e Rádio USP.

Além disso, já foram transmitidas outras produções dos alunos de jornalismo, como a série *Boletim das Férias* (2009), um programa de 15 minutos com reportagens, entrevistas e resenhas, além de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) como o especial *A canção que se imaginara – a vida e a obra de Nara Leão*, de Aline Takei; a reportagem *Conversas ao som da Mesa 8 – história e histórias do Bar do Alemão*, de Ricardo Caliendo Marchesan, e o documentário *O radiojornalismo de hoje e no futuro na voz de profissionais e professores da área*, de Clayton Denis Ubinha, entre outras produções.

Além das transmissões, a emissora recebe visitas periódicas dos estudantes, em especial, os de graduação da ECA. A responsável pela recepção é a coordenadora de programação Silvana Pires. A visitação é dividida em duas partes, com uma palestra sobre o perfil e a história da emissora e visita guiada pelas instalações da rádio.

A parceria com a ECA também integra o serviço de estágio. As vagas são oferecidas pelo sistema oficial da Universidade de São Paulo. Os alunos dos cursos de jornalismo e audiovisual são os mais requisitados, pela proximidade com a produção no

meio rádio. O serviço de estágio voluntariado também é aceito, com assinatura de termo de compromisso. A emissora também oferece apoio técnico para a produção dos programas dos alunos, principalmente diante da gravação de entrevistas e edição.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rádio Universitária de São Paulo

Os resultados desta pesquisa, em particular as observações sobre o projeto da Rádio Universitária do Minho, trouxeram outros horizontes para o ensino do radiojornalismo no curso de Comunicação Social do Departamento de Jornalismo e Editoração, assim como à Rádio USP. A adaptação do modelo português é uma estratégia para dinamizar as atividades já existentes na Universidade de São Paulo.

A principal ideia é implantar a Rádio Universitária de São Paulo (RADUSP). A proposta pretende integrar oficialmente, em princípio, as atividades da Rádio USP e do curso de Graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da ECA. A iniciativa ampliaria a atual parceria existente na USP que, atualmente, conta com a transmissão do programa *Universidade 93,7* (também disponível na Internet), aos domingos, das 11h30 às 12h, algumas transmissões esporádicas, as visitas técnicas dos alunos conduzidas pelos coordenadores da Rádio, as vagas de Estágio oferecidas pela USP e apoio técnico para produção dos programas.

A intenção é viabilizar novas atividades educativas e culturais, como as existentes na RUM, como a Escola de Rádio, Laboratório de Jornalismo, debates, cursos e atividades culturais (cinema, teatro, fotografia, música, humor etc.), integração com programas de intercâmbio e voluntariado, entre outras iniciativas que podem ser desenvolvidas pelos profissionais da emissora, com a colaboração de professores da USP e convidados externos.

Além disso, é possível desenvolver o site da Rádio USP transformando-o em um Portal como o da RUM, que utiliza as diversas ferramentas, como as mídias sociais, além de *links* para outros projetos. O mesmo poderia ser realizado com as mídias da USP, com a integração entre a rádio, a TV, IPTV, jornal impresso, agência e outros meios de comunicação da maior universidade do Brasil.

Após a implantação, o projeto será estendido, no primeiro momento, para os demais departamentos da ECA, principalmente o Departamento de Rádio e Televisão (CTR), que já conta com projetos realizados pelo professor Eduardo Vicente, como o programa *Trilhas & Rolos* e o Departamento de Comunicações e Artes (CCA), por causa dos trabalhos em educomunicação que são desenvolvidos pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares. Em seguida, o projeto chegaria aos demais departamentos como Música, Artes Cênicas, Escola de Arte Dramática (EAD) e assim por diante, culminando com a integração das demais unidades da USP, como a Faculdade de Saúde Pública, pelo trabalho pioneiro do Prof. Dr. Paulo Rogério Gallo em Radiocomunicação Comunitária, a Escola Politécnica, entre outras. Uma segunda etapa seria estimular a parceria com outras instituições de ensino superior, inclusive as particulares como a Faculdade Cásper Líbero, e emissoras universitárias que possuem projetos relacionados ao ensino do rádio, como a RUM e a UMinho.

A RADUSP será uma oportunidade para viabilizar as iniciativas dos profissionais da Rádio USP e dos professores e alunos da Universidade de São Paulo, em especial, os da ECA. Além do aperfeiçoamento da atual parceria, em número e estrutura dos programas, estágios e visitas, a iniciativa é uma forma de implantar algumas propostas visualizadas na Rádio Universitária do Minho.

Atividades culturais e de ensino, como oficinas, cursos, palestras, produção impressa e em audiovisual poderão ser viabilizados por meio da Rádio Universitária de São Paulo, em parceria com as Pró-Reitorias da USP (Graduação, Pesquisa, Cultura e Extensão e Pós-Graduação). Os alunos de intercâmbio e da terceira idade também seriam contemplados, com a possibilidade de produzir programas específicos nos laboratórios de rádio da ECA e da Rádio USP, com possível transmissão, além do acesso pela Internet nos portais. A comunidade externa também seria atendida pela organização de debates mediados pelos jornalistas da Rádio USP sobre temas abordados nos noticiários da emissora.

Os sites e portais serão integrados em uma única plataforma,

com acesso para os diversos projetos com informações sobre rádio dentro e fora da universidade. A iniciativa facilitaria o trabalho de busca, principalmente de pesquisadores sobre o conteúdo radiofônico produzido na Universidade de São Paulo.

A criação da RADUSP é uma oportunidade para preservar a Rádio USP e o ensino de rádio no Brasil, assim como possibilita a implantação de um modelo gestor em comunicação, no caso da emissora e da universidade, para além da simples transmissão de programas.

Considerações Finais

A reestruturação da metodologia de ensino do radiojornalismo é a principal ferramenta no início deste processo, porque dirige um conceito que ultrapassa os muros da universidade. A formação de profissionais versáteis e com ampla visão sobre as diversas manifestações radiofônicas é um dos diferenciais desta nova proposta, que já vem sendo implantada na Universidade de São Paulo.

Em primeiro lugar, as produções em áudio já integram as novas plataformas, como as impressas e visuais. Assim, junto com os programas em áudio, também são elaborados materiais como cartazes, fotografias, vídeos e textos impressos. O trabalho em multimídia auxilia tanto a divulgar a produção nos espaços comunicacionais da universidade, como sites e agências, bem como possibilita uma ampliação do conteúdo para a interpretação do ouvinte. Além disso, o programa Universidade 93,7 já está integrado ao site www.eca.usp.br/radiojornalismo, além da divulgação nas mídias sociais, em especial o *Facebook*.

Os alunos também já estão sendo preparados (e estimulados) a desenvolver jornais impressos, inclusive murais e boletins, exposições de fotos e vídeo, atividades culturais como palestras e apresentações, sempre relacionadas aos projetos de radiojornalismo. A ideia também está sendo levada à Rádio USP que poderá fazer o mesmo, solicitando aos repórteres e estagiários que insiram imagens e textos no site da rádio, disponibilizando detalhes ao público da emissora.

Já existe um planejamento para integrar a disciplina de rádio ou, pelo menos, alguns trabalhos, com as disciplinas de telejornalismo, fotojornalismo, jornalismo impresso, jornalismo *on-line* e outras, inclusive as teóricas. O desenvolvimento de pautas em multimídia é uma saída, desde que os professores trabalhem com a mesma turma. A proposta já está sendo bem aceita pelos docentes do departamento. Esta proposta também pode ser uma alternativa para a Universidade de São Paulo, que poderá integrar as produções, tanto na pauta como na plataforma, das mídias da instituição como Rádio USP, IPTV, TV USP, Agência USP e Jornal da USP. Da mesma forma, as mídias uspianas, como a IPTV, poderá auxiliar a Rádio USP e os alunos de jornalismo do *Universidade 93,7*, com a transmissão de alguns programas simultâneos em rádio e *web tv*.

O segundo caminho é realizar atividades integradas com a Rádio USP, com os profissionais da emissora, os professores e os alunos viabilizando projetos educativos e culturais, como palestras, cursos profissionalizantes e transmissões, além de aperfeiçoar os espaços de visitação e de estágio já existentes. Os exemplos observados na RUM são referências para a implantação desses projetos, entre eles, destacam-se os programas de intercâmbio e voluntariado.

A terceira etapa – e talvez a mais difícil – é o desenvolvimento de projetos de ensino na sede da Rádio USP. A primeira alternativa é a produção de programas nos estúdios da emissora. A atividade será sempre integrada a uma disciplina do curso, supervisionada pelo professor responsável e pelos profissionais deslocados pela emissora, como um jornalista e um radialista. A dinâmica precisa estar vinculada ao período letivo, com cronograma de horários e dias de gravação, sendo reconhecida pela instituição de ensino superior. Além disso, a adaptação de um espaço em estúdio-aula, assim como o planejamento integrado entre os docentes e a equipe da emissora são fundamentais para a viabilidade do projeto, porque transmitem segurança ao aluno durante a produção dos programas.

Neste contexto, também é viável a ampliação dos horários para a transmissão de programas elaborados pelos alunos. O projeto atual disponibiliza um horário predeterminado, que

contribui para a dinâmica das aulas, da emissora e dos ouvintes. Porém, também é fundamental planejar uma programação aberta para a transmissão esporádica de programas especiais, como Trabalhos de Conclusão de Curso e Projetos de Pesquisa e Extensão.

Em contrapartida, a UMinho e a RUM tem agora um referencial para a elaboração de futuros projetos para transmissão de programas dos alunos de comunicação, principalmente os de jornalismo. O programa *Universidade 93,7* envolve o comprometimento dos alunos, do professor das disciplinas de radiojornalismo do CJE e dos profissionais da Rádio USP. Além disso, é uma alternativa para a divulgação das produções discentes, que antes serviam apenas como exercícios em sala de aula ou, em parte, eram disponibilizadas na Internet.

Ao contrário da Rádio USP, a emissora portuguesa possui alguns projetos em andamento, que podem ser adaptados ao ensino do radiojornalismo. O *Jornal Académico* é um deles, com o atual modelo sendo adaptado para o *Radiojornal Académico*. A diferença reside no tratamento das matérias em suporte audiovisual. A responsabilidade é do professor da disciplina, com supervisão do jornalista indicado pela emissora. Neste caso, também seria possível integrar a AAUMTV no caso de algumas propostas em multimídia, inclusive integrando os projetos no final do curso realizados no Curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação. O jornalista Daniel Silva, responsável pelos projetos do *Jornal Académico* e da AAUMTV, compartilha com esta ideia:

É interessante um programa na antena da Rádio Universitária feito por estudantes no ambiente da sala de aula, por exemplo, no laboratório de rádio que eles têm. Vazar esses conteúdos para a rádio universitária era extremamente importante para nós, para conseguirmos fazer uma aproximação com o Curso de Ciências da Comunicação ainda maior. Integrar os assuntos que os alunos fazem no Jornal Académico, as reportagens e puxar esses temas que eles escrevem para a vertente em áudio, que para a rádio é importante.

Vamos pegar um exemplo mais fácil o possível, como eles irem cobrir um jogo de futebol. Em vez de levarem um bloco e uma caneta para tomarem os apontamentos e depois chegarem em casa e digitarem no computador, por que não levar um gravador, ir a conferência de imprensa no final do jogo e ter o componente áudio; levar uma câmera também, filmar o jogo e fazer uma reportagem com os melhores momentos do jogo? Por que não fazer isso tudo de uma vez só? É isso que nós tentamos, apesar de percebermos que os alunos não têm tempo para tudo, porque têm três anos para estudar e têm muito pouco tempo para atividades complementares. Nossa ideia é mesmo essa, porque, cada vez mais, o mercado de comunicação social de jornalismo em Portugal, e penso que no mundo todo, as empresas e os órgãos de comunicação preferem pessoas que saibam escrever, que saibam também estar com um gravador à frente e que, se possível, saibam filmar também. A polivalência é cada vez mais importante. Por isso, se nós conseguirmos dar, já que temos ferramentas para eles trabalharem isso, por que não trabalharem agora? Falta este pequeno passo para eles serem jornalistas polivalentes no futuro e isso que vamos tentando dar para haver esta aproximação que aí está.

Outra possibilidade é a adaptação do *UM em Antena*, com a produção sendo realizada pelos alunos, no mesmo sentido, com orientação do docente e supervisão dos jornalistas da Rádio, que seriam corresponsáveis pelo produto final. Em ambos casos, os profissionais da emissora também poderiam contribuir com matérias, instituindo uma parceria que resultaria em uma troca de experiências entre os jornalistas, os alunos e os docentes.

A alternativa mais próxima do que acontece na USP é a produção de um programa exclusivo dos alunos do Módulo de *Jornalismo Radiofônico*, da disciplina de *Atelier de Informação e Jornalismo* da UMinho, com a RUM servindo de apoio apenas para a produção, como acontece na USP. Neste caso, é essencial definir a data, o horário e a emissão (ao vivo ou gravado). A parceria também viabiliza a colaboração dos alunos com

matérias e programas, além de outras coberturas especiais, que podem ser veiculadas durante a programação. A transmissão do programa na sede da emissora, pelo menos uma vez no semestre, seria saudável pelo contato direto com os profissionais da Rádio. A parceria em projetos, como a transmissão de programas com a participação de estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação, agrada o diretor da RUM, Vasco Leão:

Nós poderíamos ter mais programas feitos por jovens estudantes que são laboratoriais, digamos assim, em antena, nem que seja em horas mais avançadas do dia, meia-noite, uma, duas horas da manhã, como as horas que temos reservadas para a Escola de Rádio. Portanto, faz todo o sentido. Nós não temos este problema de que os programas têm de ser feito por profissionais. A rádio pode permitir o amadorismo e a experimentação. Nós temos horas reservadas para isso. Para nós, não é um problema. Já existe esta ligação com a Universidade do Minho que é óbvia, mas nós temos algumas diferenças, porque a Rádio Universitária é um organismo autónomo da Associação Académica e não é da Universidade. Tem mesmo alguma ligação até formal, porque o conselho da rádio tem elementos da Associação Académica, da RUM e da própria Universidade. Portanto, a ligação existe, é umbilical e tem de ser alimentada. Tem de surgir ideias de projetos quer deste lado da RUM, quer do lado de lá, para que nós possamos assim ajudar em termos práticos e ser um complemento daquilo que os estudantes aprendem mais em teoria, embora existam aulas práticas ligadas ao jornalismo, ao audiovisual, à imprensa escrita. Mas, se calhar uma colaboração aqui na RUM, que são muito úteis aos estudantes, como, por exemplo, a que nós temos tido de uma integração posterior ao mercado de trabalho. Nós estamos sempre disponíveis e não rejeitamos nenhum tipo de colaboração. Quanto mais gente estiver aqui, melhor é para rádio e tem sido bom para as pessoas que a cá passam que, como disse há

pouco, ficam com determinados conhecimentos que provavelmente não teriam em outro sítio, até porque aqui as pessoas têm liberdade.

No caso específico da RUM e Rádio USP, este estudo abre espaço para a organização de projetos integrados entre os realizadores. É importante lembrar que o conteúdo deste livro, como relatório, já foi disponibilizado aos responsáveis das emissoras. O intercâmbio permitiria o fomento de iniciativas como cursos *on-line* sobre programação, além de eventuais parcerias para a produção e transmissão de programas.

A criação de projetos como o da Rádio Universitária de São Paulo (RADUSP) viabilizaria também o contato entre profissionais das emissoras, professores, alunos e pesquisadores das universidades para a realização de cursos e trabalhos acadêmicos. O planejamento de visitas técnicas ao Brasil e a Portugal seria uma forma de estimular a troca de experiências pelo conhecimento de outras realidades.

O intercâmbio entre docentes brasileiros e portugueses é essencial para a elaboração de pesquisas e também para experiências didáticas. As pesquisas são uma oportunidade de aproximar e conhecer a realidade do ensino do rádio nas universidades e o trabalho realizado nas emissoras. Diante do ensino, a figura do professor visitante viabiliza a realização de atividades didáticas complementares à formação habitual.

As rádios universitárias também são espaços para a integração de estudantes e voluntários, como os observados na RUM pelo Erasmus e pelo serviço de voluntariado europeu. Desta forma, a Rádio USP precisa ser incorporada como uma opção para os alunos (estrangeiros e brasileiros) que estudam na Universidade de São Paulo, com as atividades sendo reconhecidas como curriculares. O mesmo acontece com a UMinho ao considerar a Rádio Universitária como parte do processo de ensino.

No caso da metodologia de ensino, esta pesquisa constatou que a plataforma multimídia já está consolidada e precisa ser implantada às disciplinas relacionadas ao radiojornalismo. Além disso, como observado pelos entrevistados, é importante haver

uma interlocução com outros gêneros, inclusive os ficcionais, e com as demais áreas do conhecimento, como ressalta a professora Madalena Oliveira. A proposta pedagógica precisa conduzir o aluno à reflexão diante de temas de interesse público, como indica a jornalista Silvana Pires. A Rádio Universitária está inserida neste contexto como um espaço de aprendizagem, que precisa contemplar as etapas formativas (teórico e prática) e ser reconhecido pela instituição de ensino superior, como alerta o pesquisador Marcelo Mendonça Teixeira, e com os processos a determinar uma relação de confiança para com os docentes e, por conseguinte, estendido à produção discente, como ressalta o professor Eduardo Vicente.

Os laboratórios radiofônicos podem ser estruturados em módulos (elaboração, edição, produção, divulgação e transmissão de programas), com os produtos sendo veiculados pelas emissoras. No contexto do ensino do radiojornalismo, é indispensável a inserção da reportagem no planejamento das disciplinas, bem como em atividades correlacionadas como estágios, trabalhos de conclusão de curso, cursos, pesquisas, entre outras. O aprendizado dos conceitos relacionados à cobertura jornalística leva os alunos a discutirem o planejamento de linhas editoriais independentes, com produções conduzidas pela equipe de jornalismo, que estão relacionadas aos assuntos do cotidiano. O desafio do docente passa a ser o de desconstruir o atual estágio de estagnação do radiojornalismo, em que os repórteres se transformam em simples reprodutores de notícias, reafirmando a agenda dos grandes meios de comunicação. A reportagem transforma-se no elemento fundador para a aproximação com os ouvintes, conceito fundamental para a interatividade, como já discutimos.

Esta investigação resulta na possibilidade de integração entre as rádios universitárias e os cursos de comunicação, para além da atual estrutura que *oficialmente* considera o estágio como atividade didática. O estágio é uma proposta interessante para os alunos de jornalismo, mas, na prática, a ausência da tutela docente leva o aluno a realizar apenas atividades internas como a elaboração de textos com informações coletadas da Internet, entrevistas pelo telefone e locuções no estúdio, muitas

vezes, sem passar por importantes etapas como a condução de reportagens ou mesmo a produção de programas.

A alternativa é ampliar os espaços de participação com as rádios universitárias contribuindo diretamente para a formação profissional, oferecendo atividades educativas e culturais como a RUM e, ao mesmo tempo, contribuindo para a produção e divulgação das matérias e programas elaborados em sala de aula e nos laboratórios de rádio, como faz a Rádio USP. Desta forma, os professores e os alunos terão a oportunidade de experimentar novos formatos, inclusive em multimídia, sobre temas diferenciados do que se ouve no rádio comercial. Por fim, esta aliança conduz ao fortalecimento do ensino do radiojornalismo, que atualmente possui poucas horas-aula nas grades dos cursos de graduação, fato que restringe o plano de ensino, e também das rádios universitárias, que ganham credibilidade por oferecer um produto alternativo ao modelo vigente dominado pelas indústrias fonográfica e da informação.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, Pierre & TUDESQ, André-Jean. História da Rádio e da Televisão. Lisboa: Editorial Notícias, 1981.
- BARBOSA FILHO, André. Gêneros radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BELAU, Angel Faus. La ciência periodística de Otto Groth. Pamplona: Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra, 1966.
- BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do jornalismo. São Paulo: EDUSP, 1992.
- BENJAMIN, Walter. Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos. Seleção e apresentação de Willi Bolle; Tradução: Celeste H. M. de Sousa (et. al.) São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.
- BENTES, Ivana & ZAREMBA, Lílian (Orgs). Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997.
- BESPALHOK, Flávia Lucia Bazan. A Prática da Reportagem Radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado). Bauru (SP): FAAC-UNESP, 2006.
- BLÁZQUEZ, Niceto. Ética e meios de comunicação. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BOHM, David. Diálogo: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- BRECHT, Bertolt. Cinco maneiras de dizer a verdade IN Rio de Janeiro: Revista Civilização Brasileira, 1966, Número 5, pp. 259-273.
- _____. Teoria de la radio (1927-1932). IN BASSETS, Lluís (ed.). De las ondas rojas a las radios libres. Textos para la historia de la radio. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- CHANTLER, Paul & HARRIS, Sim. Radiojornalismo. São Paulo: Summus, 1998.
- CHANTLER, Paul & STEWART, Peter. Fundamentos do Radiojornalismo. São Paulo: Roca, 2006.

- COELHO SOBRINHO, José. Relações Públicas - teoria e prática. Porto: Edições UFP, 1995.
- _____. Do que somos capazes! Relato de uma experiência pedagógica. (Livre-docência). São Paulo: ECA/USP, 2001.
- COLLIN, Matthew. Rádio Guerrilha – rock e resistência em Belgrado. São Paulo: Editora Barracuda, 2006.
- COSTA, Marília Beatriz Ribeiro. Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás: uma alternativa que busca o seu caminho IN ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil. São Paulo: Com-Arte, 1987, pp. 27-38.
- FANUCCHI, Mário. Uma proposta de Rádio Alternativo - Rádio USP. Relatório de Pesquisa Aplicada. São Paulo: ECA/USP, 1990.
- FELICE, Mauro. Jornalismo de rádio. Brasília: Thesaurus, 1981.
- FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- FREIRE, Paulo & Guimarães, Sérgio. Sobre a Educação (diálogos). Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GANZ, Pierre. A reportagem em rádio e televisão. Lisboa: Inquérito, 1999.
- GAIARSA, José Ângelo. O espelho mágico – um fenômeno social chamado corpo e alma. São Paulo: Summus, 1984.
- HUDEC, Vladimir. O que é jornalismo? Lisboa: Editorial Caminho, 1980.
- LIMA, Zita de Andrade. Princípios e técnica de radiojornalismo. Brasília: Inciform, 1970.
- LAVOINNE, Yves. A Rádio. Lisboa: Veja, s/d.
- LOGE, Celso José. A Tomada da Bastilha e do Rádio por Walter Benjamin IN Revista Comunicações e Artes. Ano 14. Número 22. São Paulo: ECA-USP, novembro de 1989, pp. 17-27.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O rádio dos pobres: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- LOPES VIGIL, José Ignácio. Manual urgente para radialistas apaixonados. São Paulo: Paulinas, 2003.

- LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros Radiojornalísticos - análise da Rádio Eldorado de São Paulo. (Tese de doutorado). São Paulo: Umesp, 2009.
- MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio & MASAGÃO, Marcelo. Rádios Livres: a reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense: 1986.
- MACIEL, Suely. A interatividade no diálogo de viva-voz na comunicação radiofônica. (Tese de doutorado). São Paulo: ECA/USP, 2009.
- MACLEISH, Robert. Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.
- MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MARANHÃO FILHO, Luiz. Rádios Universitárias: Escola ou passatempo? Recife: Editorial Jangada, 1996. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/py3idr/radiocom/radio/universitarias.html>>. Acesso em: 21 de agosto de 2011.
- MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna (ORG). Teorias do rádio - textos e contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MENESES, João Paulo. Tudo o que se passa na TSF... Para um "Livro de Estilo". Porto: Edição Jornal de Notícias, 2003.
- MORAES JÚNIOR, Enio. O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia. (Tese de Doutorado). São Paulo: ECA-USP, 2011.
- _____. A formação cidadã do jornalista no Brasil: um estudo de caso da formação do jornalista na USP. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: ECA-USP, 2006.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. O rádio no Brasil. Rio de Janeiro: Mil palavras, 2000.
- MOREIRA, Sônia Virgínia & DEL BIANCO, Nélia R. Desafios do Rádio no Século XXI. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.
- OLIVEIRA, Maria Madalena Costa. Metajornalismo... ou quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso. (Tese

- de Doutorado). Braga (Portugal): Uminho, 2007.
- ORTRIWANO, Gisela. A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Radiojornalismo no Brasil. São Paulo: Com-Arte, 1987.
- _____. Rádio USP – procurando sua história. São Paulo: FFLCH, 1997.
- _____. Rádio USP – fazendo história. IN Jornal da USP. São Paulo: Jornal da USP, 05 de outubro de 1998, pp.13/14.
- _____. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. IN Revista Novos Olhares. São Paulo: ECA-USP, Ano 1, Número 2, Segundo Semestre de 1998, pp. 13-30.
- PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento. IN Meios de Comunicação de Massa. Organização de Charles S. Steinberg. São Paulo: Cultrix, 1966.
- PIERNES, Guillermo. Comunicação e desintegração na América Latina. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.
- PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Rádios Comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão. IN Seminário Mapa da Mídia Cidadã. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. Disponível em: <www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_forum_iluminando_peruzzo.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2011.
- POPPER, Karl. O racionalismo crítico na política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- PORTELA, Pedro. Rádio na Internet em Portugal: a abertura à participação num meio em mudança. (Tese de Mestrado). Braga (Portugal): UMinho, 2006. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6251/1/pedro%20portela.pdf>>. Acesso em 27 de julho de 2011.
- _____. Rádio na Internet em Portugal: a abertura à participação num meio em mudança. Ribeirão: Húmus/UMinho-CECS, 2011
- PRADO, Emílio. Estrutura da informação radiofônica. São Paulo: Summus, 1989.

- RAMADAN, Nancy Nuyen Ali. Orientações e problemáticas no ensino do jornalismo em tempo de mudança – considerações a partir de um estudo de caso em Portugal. (Relatório de Pesquisa em Pós-Doutorado). Braga/São Paulo: USP/Universidade do Minho, 2009.
- _____. O jornalismo on-line visto pelos pesquisadores de São Paulo. (Tese de Livre-Docência). São Paulo: ECA-USP, 2009.
- _____. Jornalismo na era digital: construindo uma filosofia de ensino. (Tese de Doutorado). São Paulo: ECA-USP, 2000.
- RIBEIRO, Fernando Curado. Rádio: produção-realização-estética. Lisboa: Arcádia, 1964.
- SAMPAIO, Walter. Jornalismo audiovisual – teoria e prática no rádio, TV e cinema. Petrópolis: Vozes, 1971.
- SANTORO, Luiz Fernando. Rádios Livres: o uso popular da tecnologia. IN Revista Comunicação e Sociedade. Ano III. Número 6. São Bernardo do Campo: Cortez Editora, setembro de 1981, pp. 97-102.
- SCHAFER, Murray R. Rádio Radical. IN BENTES, Ivana & ZAREMBA, Lílían (Orgs). Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: UFRJ-ECO-Publicue, 1997, pp. 27-39.
- SCHILLER, Herbert. Communication and cultural domination. New York: Sharpe, 1984.
- SOUSA, Jorge Pedro & AROSO, Inês. Técnicas jornalísticas nos meios eletrônicos (princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1994.
- SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de radiojornalismo e telejornalismo. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.
- TEIXEIRA, Marcelo Mendonça; SILVA, Bento Duarte de; TEIXEIRA, Mariana Gonçalves Daher. RUM na WEB – potencialidades educativas. IN IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares/VIII Colóquio sobre Questões Curriculares. Florianópolis: UFSC, 02 a 04 de setembro de 2008. Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10051/1/RUM%20NA%20WEB%20POTENCIALIDADES%20EDUCATIVAS.pdf>>.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça; SILVA, Bento Duarte de. Experiências do rádio na educação on-line. IN X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9967/1/EXPERI%3%8aNCIAS%20DO%20R%3%81DIO%20NA%20EDUCA%3%87%3%83O%20ONLINE.pdf>>. Acesso em 15 de agosto de 2011.

_____. Rádio WEB: comunicação, educação e cibercultura no universo acadêmico português. IN IV Conferência Internacional de TIC na Educação. Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2011. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10020/1/R%3%a1dio%20Web%20Educa%3%a7%3%a3o%2c%20Comunica%3%a7%3%a3o%20e%20Cibercultura%20no%20Universo%20Acad%3%a9mico%20Portugu%3%aas.pdf>>. Acesso em 15 de agosto de 2011.

_____. Análise do uso da rádio web como uma interface dinamizadora da prática educativa: Estudo de Caso da RUM. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2009.

TRINDADE, Eneus. Um olhar etnográfico sobre a fotografia publicitária: aspectos da cultura do consumo alimentar no Brasil e em Portugal. (Relatório de Pós-Doutorado). Porto: Universidade Aberta de Portugal, 2009.

TUBAU, Iván. Periodismo oral. Barcelona: Piados, 1993.

Internet

Em: <<http://www.culturabrasil.com.br/programas/programa-do-estudante/sobre-9/programa-do-estudante-temporada-2010?sobre>>. Acesso em 5 de julho de 2011.

Em: <<http://aaum.pt>>. Acesso em: 8 de agosto de 2011.

[Atualizado: <<http://tv.aaum.pt/>>]
<<http://academico.rum.pt>>. Acesso em: 8 de agosto de 2011.
<<http://www.claronline.com.br>>. Acesso em: 20 de maio de 2011.
<<http://www.eca.usp.br/cje>>. Acesso em: 22 de agosto de 2011.
<<http://www.eca.usp.br/radiojornalismo>>. Acesso em: 10 de abril de 2011.
<<http://www.facasper.com.br>>. Acesso em: 25 de março de 2011.
<<http://www.gazetafm.com.br/am.html>>. Acesso em: 25 de março de 2011.
<<http://www.jornaldocampus.usp.br>>. Acesso em: 8 de agosto de 2011.
<<http://www.mc.gov.br>>. Acesso em: 12 de agosto de 2011.
<<http://www.radio.usp.br>>. Acesso em: 20 de junho de 2011.
<<http://www.rum.pt>>. Acesso em: 7 de julho de 2011.
<<http://www.uminho.pt>>. Acesso em: 7 de julho de 2011.
<<http://www.usp.br>>. Acesso em: 25 de maio de 2011.

Jornal Impresso

Jornal Acadêmico

Colaborações

Abel Duarte – Rádio Universitária do Minho

Alexandre Praça – Rádio Universitária do Minho

Celso dos Santos Filho – Rádio USP

Elizabete Apresentação – Rádio Universitária do Minho

Elsa Moura – Rádio Universitária do Minho

Enio Moraes Júnior – Universidade de São Paulo

Eneus Trindade Barreto Filho – Universidade de São Paulo

José Reis – Rádio Universitária do Minho

Manuel Joaquim Silva Pinto – Universidade do Minho

Maria João Pinto – Rádio Universitária do Minho

Paulo Ferreira – Rádio Universitária do Minho

Paulo Rogério Gallo – Universidade de São Paulo

Sérgio Xavier – Rádio Universitária do Minho

Ulisses Rodrigues de Paula – Universidade de São Paulo

Entrevistas

Daniel Silva – Rádio Universitária do Minho: 12/08/2011 e 22/08/2011

Eduardo Vicente – Universidade de São Paulo: 22/09/2011

João Paulo Rebelo – Rádio Universitária do Minho: 22/08/2011

Luiz Fernando Santoro – Universidade de São Paulo: 15/08/2011.

Maria Madalena Costa Oliveira – Universidade do Minho: 31/08/2011.

Marcelo Mendonça Teixeira – Universidade do Minho: 28/08/2011.

Silvana Pires – Rádio USP: 04/10/2011.

Vasco Leão – Rádio Universitária do Minho: 14/10/2011.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR SOBRE O TEMA DA PESQUISA

MALULY, Luciano Victor Barros. O radiojornalismo na cidade de São Paulo – Rádio USP. (Relatório de Pesquisa). São Paulo: ECA-USP, 2006-2007.

_____. O radiojornalismo na cidade de São Paulo – Rádio Gazeta AM. (Relatório de Pesquisa). São Paulo: ECA-USP, 2008-2009.

_____. Conversa Permitida – É pelo debate que se estabelece a diferença no radiojornalismo transmitido pelas emissoras educativas. IN Revista da Comunicação Midiática-FAAC-UNESP. Bauru (SP): UNESP, 2005.

_____. Berro! Manifesto para a ampliação das notícias e das vozes no radiojornalismo brasileiro. IN Revista Sem Terra. Ano X. Nº 40. São Paulo: Gráfico Efeito, julho/agosto 2007.

_____. O Falador – O ensino do radiojornalismo nas emissoras comunitárias. IN Revista PJ:Br São Paulo: Revista PJ:Br, 2007.

_____. O debate e o ditado popular. IN Jornal da USP. Ano XXII. Nº 786. São Paulo: Jornal da USP, 4-10 de dezembro de 2006.

_____. No passado, as novidades para o rádio atual. IN Jornal da USP. Ano XXII. Nº 778. São Paulo: Jornal da USP, 25 de setembro a 10 de dezembro de 2006.

_____. Universidade Radiofônica. IN Jornal da USP. Ano

- XXII. Nº 797. São Paulo: Jornal da USP, 9-15 de julho de 2007.
- _____. O Rádio Democrático. IN Jornal da USP. Ano XXIII - Nº 821 São Paulo: Jornal da USP, de 3 a 9 de março de 2008. p. 2.
- _____. O Jornalista Latino-Americano. IN Jornal da USP. Ano XXIII - Nº 831 São Paulo: Jornal da USP, de 2 a 6 de junho de 2008. p. 2.
- _____. Entre o possível e o recomendável – metodologia de pesquisa aplicada ao radiojornalismo. IN IX Congresso Latinoamericano de Investigadores de la comunicación. Cidade do México: Alaic, 9 a 11 de outubro de 2008.
- _____. O Rádio Democrático – alternativas para a Ciência do Jornalismo. IN XXXI Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. Natal: UFRN, 02 a 06 de setembro de 2008.
- _____. & VENÂNCIO, Rafael Duarte Oliveira. A urgência de novas linhas editoriais. IN Observatório da Imprensa. – Nº 762. São Paulo/Campinas: Observatório da Imprensa, 03 de fevereiro de 2009.
- _____. O Rádio Alternativo – tecnologia para o ensino do jornalismo. IN IV Semana de Integração da Resistência. Ponta Grossa (PR): Universidade Estadual de Ponta Grossa, 18 a 22 de maio de 2009.
- _____. Rádio Universitária – repórteres contra a padronização da notícia. IN Revista Alterjor. São Paulo: Revista Alterjor, setembro de 2009. Disponível em: <www.usp.br/alterjor/Maluly_reporteres.pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2009.
- _____. Jornalismo – a democracia pelo rádio. Disponível em: <www.eca.usp.br/livroderadio>. São Paulo: ECA-USP, 2010.
- _____. University Radios in Brasil and in Portugal – integration between interactive proposals of Rádio Universitária do Minho and Rádio Universidade de São Paulo IN Radio Evolutions Congress na Radio Research Section / European Communication Research and Education Association (ECREA). Braga: Universidade do Minho, 14 a 16 de setembro de 2011.

APÊNDICE

RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS: repórteres contra a padronização da notícia

Quando a professora Gisela Swetlana Ortriwano apresenta as principais características do rádio no livro *A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* (Ortriwano, 1985: 78-81), um processo de reforma no ensino da disciplina de radiojornalismo começa a ser discutido e aplicado pelos docentes desta área. A característica de baixo custo logo se diferencia entre as demais apresentadas, justamente por possibilitar a aplicação de uma tecnologia ágil e barata no ensino das técnicas e conceitos. Assim é até hoje, quando o estudo da professora é rediscutido ou reapresentado, principalmente na questão da produção radiofônica:

(...) a produção radiofônica é mais barata do que a televisiva, justamente por ser menos complexa. Se levarmos em consideração o grande número de pessoas que recebe a mensagem radiofônica, esse custo de produção se dilui, tornando o rádio o meio de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido. (ORTRIWANO, 1985, pp. 79-80)

Após a solidificação dos conceitos de Ortriwano, inicia-se o rompimento com o modelo (e as dificuldades) diante da condição do fazer jornalístico, como era pedido para o jornal impresso ou no telejornalismo. O visual rebuscado é substituído pelo oral simples. O falante torna-se o centro do processo, apurando os fatos pelos detalhes. O universo das pessoas e dos lugares completam o dizer, com a condição da difícil busca da verdade (BRECHT (1927-1932) IN MEDITSCH, 2005, pp. 35-45).

O texto já não fica isolado, porque não é apenas o repórter que comanda o processo. A composição universal é a do noticiário, que aproxima os lugares pela condução da

reportagem. A facilidade em transmitir conteúdos dirige a comunicação, coordenada pelo jornalista, que viabiliza a interação e a mobilidade, ou seja, pelo acesso à tecnologia do rádio.

A mensagem derruba os preconceitos sobre a comunicação. Já não é mais tão difícil viabilizar a democratização pela notícia. Torna-se possível conduzir a matéria, sem eliminar o coletivo, sem ser o dono da história, interagindo com o momento, o lugar e as pessoas. A emissora torna-se o centro que rompe a distância entre o repórter e público. O universo inovador, tanto nas escolas como nas emissoras, concretiza o sonho de liberdade, da possibilidade de autonomia para o repórter, os ouvintes e a emissora. Puro engano.

O padrão existente se confirma por meio da prática jornalística. A agenda ainda domina a programação das emissoras de rádio, inclusive as educativas que, muitas vezes, mascaram, como novidade, velhas fórmulas, entre elas, a prestação de serviços, tendo o trânsito como o carro-chefe, e a da notícia instantânea, com a repetição de informações. Nas escolas, o laboratório, por um lado formaliza (fortalece/justifica) o estabelecido pelo ensino estático da “receita de bolo”, daquilo que já está pronto, daquilo que está sendo ouvido nos programas jornalísticos das emissoras. Pura repetição.

O outro lado fomenta um processo de revolução interna, silenciosa e dinâmica. Em movimento, surge o radiojornalismo transformado, quase música, feito para poucos, para aqueles que gostam de acompanhar as notícias pelo rádio, que precisam do conteúdo ardente, audível e livre. A transgressão interna do professor que descobre, junto com o aluno, a imensidão do jornalismo de rádio. Coordenadores de curso ou chefes de departamento nada percebem, porque as desculpas estão escondidas no ensino da linguagem radiofônica, fase teórica incluída no conteúdo da disciplina. Pura revolta.

A primeira fase - o estático

Ao mesmo tempo em que as tecnologias facilitam o trabalho dos professores e dos estudantes nas escolas de jornalismo, o ensino para o rádio é confundido com o plágio, escondida nas amarguras da notícia já construída, baseada na repetição e na reprodução. Como locutor-redator, o aluno é convidado para a leitura de textos prontos, copiados dos jornais impressos, da televisão, da Internet e das outras emissoras de rádio, por meio do trabalho de radioescuta. O exercício é uma maneira de imitar o profissional de rádio, imaginado como o sujeito do microfone protegido pelo aquário do estúdio.

A estrutura do radiojornal é ensinada pelas divisões dos cadernos ou pelas editorias (política, esportes, economia e assim por diante), como acontece no jornal impresso. Quando interessantes, as notícias são ampliadas pelas ligações telefônicas, disfarçando o trabalho de reportagem. Mesmo assim, quando necessárias, as pautas para as reportagens não fogem do padrão tradicional, dos apelos e das arestas das agendas dos canais de informações. Futebol, telenovela, políticos, mortes – um conjunto perfeito para criar não-jornalistas, mas leitores, como máquinas copiadoras que apenas têm a função de reproduzir, sem questionar.

O relato radiojornalístico fica aprisionado à ditadura do impresso. Ao realimentar os ouvintes com as mesmas informações, os redatores, e não os repórteres, tornam-se o principal elemento do programa. A prática reconfigura o exercício do jornalismo: a reportagem é substituída pela nota, modificando a estrutura do programa e do fazer jornalístico. Para aquele que está ali, sem conhecer a sua função, qualquer informação é válida, desde que não precise sair da sala de redação ou do estúdio.

A produção interna na emissora predomina, tornando-se a conduta mais fácil de administrar o jornalismo no rádio. Quando precisa ser mascarada, a nota é reestruturada como boletim, passando a transmissão do locutor para um “redator-repórter”,

que faz a leitura ali mesmo no estúdio. Inclusive as reportagens e entrevistas, editadas ou não, são conduzidas da mesma forma, tanto pelos locutores quanto pelos repórteres, já que não há mais distinção entre os gêneros. O velho esquema das sonoras editadas, ou seja, intercalando as falas dos entrevistados com as dos mediadores, é utilizado constantemente nos programas.

O jornalismo já não é mais falado, nem dito, nem contado, é apenas lido. Os momentos de reflexão são limitados ao roteiro de perguntas ou à remontagem para a introdução das falas (cabeças de sonoras) para os entrevistados e nada mais. Já não cabe mais ao repórter conduzir a matéria, porque a ele cabe a função de costurar os depoimentos. O exagero ocorre quando uma sonora fica grudada na outra, sem a fala do repórter. Triste fim para a famosa “externa”.

O que faz o professor de radiojornalismo? Utiliza o modelo vigente para o ensino das técnicas usuais. Ensina que as matérias, desde a captação até a transmissão, também podem ser produzidas no interior das emissoras, sendo uma ação comum, muitas vezes, para economizar tempo, trabalho e dinheiro. Como no caso do jornalismo no Brasil, o mercado pauta a academia e, nas faculdades, muitas vezes, a mesma prática é apenas reproduzida ou adaptada pelo docente, que utiliza o momento para discutir o modelo jornalístico utilizado pelas emissoras.

Durante as aulas no estúdio (poderia ser laboratório) de rádio, os alunos, na maior parte do tempo, produzem notas e boletins na própria faculdade e captam entrevistas pelo telefone, que serão utilizadas para a produção de reportagens no estilo “tudo editado”, montando a base para o programa de rádio. Em menor escala e quando possível, após muitas reclamações, são produzidas matérias externas, muitos jabaculês, com o aluno indo até o local, fazendo entrevistas que também são utilizadas para os exercícios de edição de uma possível matéria jornalística.

No final, o programa é produzido tendo como referência o formato e o conteúdo emitido pelas grandes emissoras

comerciais. É importante destacar que os alunos selecionam as matérias, os entrevistados, de acordo com o modelo previsto nos manuais de radiojornalismo. O aprendizado é o do esquema já existente. Aqui predomina o formato das emissoras líderes em audiência, ou que, pelos seus agentes ou até mesmo pela tradição, publicou um material de referência.

A segunda fase - o movimento

Agora que o aluno já conhece o procedimento padrão, o professor começa a ensinar radiojornalismo. Propõe programas que fogem ao roteiro diante da forma e do conteúdo. “Professor, eu ouvi um programa que é assim...” O mestre logo responde: “Você vai fazer outro, talvez melhor ou, pelo menos, diferente”. A pauta é reajustada pelo aluno, de acordo com o cotidiano das pessoas, fugindo da agenda (e da prisão) das notícias da grande mídia, principalmente as transmitidas pelos telejornais brasileiros.

O professor utiliza uma metodologia voltada à reconstrução dos fragmentos, daquilo que sobrou da frase anterior para, posteriormente, implantar um processo mais aberto. Revela-se o radiojornalismo inovador, com base na cidadania, em que o aluno, pelo grupo, traduz o universo sem as amarras da “receita de bolo” anunciada nos manuais de estilo ou mesmo nos duvidosos “estágios” nas emissoras. A criatividade como instrumento de defesa contra o estado letárgico em que operava o ensino do radiojornalismo.

A saída dos docentes é a possibilidade de implementação de ações rotativas de produção jornalística, para a montagem de programas diferenciados, com pautas fomentadas no conhecimento do aluno, daquilo que eles vivenciam e observam no jornalismo popular e alternativo, que atinja os indivíduos que não suportam mais o “mesmo mundo” construído pelos jornalistas ditos profissionais.

As estruturas são consolidadas pelas equipes, com o conjunto fomentado em duas instâncias sólidas: a produção de matérias

externas e a possibilidade de interação. Logo se trabalha com conceitos que vão além dos procedimentos utilizados na fase anterior, os mesmos em que os alunos adaptam as matérias dos jornais impressos e da Internet. Agora, o professor de radiojornalismo possibilita a compreensão de que o relato (do presente) é constituído pela (presença) do jornalista. A reportagem retoma a posição de destaque no universo do programa. Declara-se o fim do estático para a condução de programas em movimento.

Os alunos trabalham o contato com o (des)conhecido, com a conduta apoiada no sentimento (de repórter). O rádio constituído pela capacidade de interação pela (con)vivência, sem os esconderijos da matéria que nunca viu, a não ser pela folha de papel ou pela tela de um monitor. Magia de quem consegue projetar-se na consciência alheia, pela reconstituição daquilo que está ao seu lado, em constante circulação. Histórias de repórter de rádio.

Se o repórter está lá, logo (h)ouve (dizer) alguma coisa. São reveladas as cores daquilo que ficou sabendo. Conversas que aproximam o radiojornalismo (do) público. O poder compartilhado pela memória, pela interpretação no anseio de contar sobre o sujeito e o objeto.

Rádio Universitária

No bate-papo entre os educadores Paulo Freire e Sérgio Guimarães surge a descrição de um possível formato radiojornalístico, baseado na tecnologia e na interatividade, em que colaborar e participar são formas camufladas de poder, sendo a conduta determinada pelo acesso aos meios de comunicação de massa, com o rádio como espaço democrático de convivência, mobilização e debate:

Paulo – Eu mesmo já dei entrevista sobre o nosso livro num desses programas em que o radialista transmite o

programa da nossa própria casa. Um outro entra no ar, dá um palpite, faz perguntas etc. São programas em que o ouvinte conversa com o ouvinte, mediado pela estação de rádio.

Sérgio – Ou seja: as possibilidades técnicas existem, quando se quer dialogar. Aliás, aquele programa de unidirecionalidade dos meios, em que tocamos no diálogo anterior, ao meu ver, é até um falso problema. (FREIRE & GUIMARÃES, 2003: p. 42)

Pela experiência libertária dos estudantes, surge o formato independente das rádios universitárias (COSTA, 1987: 27-38). A emissão democratizada, sem vínculos com o padrão institucionalizado. Um modelo que conduza ao equilíbrio entre os atores do acontecer. A notícia mediada pelo jornalista que alimenta o processo pela quebra do poder centralizado no comunicador.

O conteúdo fundamentado pelo cotidiano, pelo conjunto de situações corriqueiras vivenciadas pelos alunos. Um programa dos e para os universitários, voltada à comunidade acadêmica, como falantes e ouvintes.

A consolidação da rádio universitária, e não da universidade, ocorre quando existe um planejamento voltado para o ensino do jornalismo, assim como para as demais habilitações como publicidade e propaganda, radialismo, audiovisual, entre outras correlatas, ou ainda para divulgação de atividades relacionadas à academia, como ciência e saúde pública. A concretização da escola radiofônica precisa ser desvinculada das necessidades institucionais e/ou comerciais de seus mantenedores, que vão desde a criação ou manutenção de um canal agregado ao sistema público até a vinculação ao nome do grupo no setor privado.

O planejamento pedagógico dos cursos de rádio condicionado à abertura das emissoras, que fomentam e viabilizam o plano de ensino, ou seja, práticas que vão desde a possibilidade de

estágio até a simples transmissão de programas elaborados em sala de aula, desde que o aluno participe das diversas fases do aprendizado, como captação, produção e transmissão. Um projeto em movimento que valorize o estilo do aluno pelo contato direto com a dinâmica do jornalismo de rádio.

Irradiar conhecimento

A supervisão do professor é o atributo básico para a validade do processo. No caso do radiojornalismo, bem como de outros cursos, é essencial acompanhar o processo, para evitar certos abusos ou erros, como a utilização ou exploração do discente como mão de obra barata, a ineficácia do exercício profissionalizante na emissora como a reprodução exagerada de matérias prontas via Internet, entrevistas pelo telefone e, até mesmo, a ausência de qualidade no conteúdo a ser transmitido em um programa produzido pelos alunos. Alguns momentos fogem ao controle do professor, mas, quando atento, a prática não é uma constante. Quando alunos e professores se integram ao planejamento, a atenção redobra, aproximando o conceito de liberdade com responsabilidade.

O predomínio da música e do jornalismo é uma tradição no rádio brasileiro, talvez reforçado pelas indústrias fonográficas e da informação. A programação, principalmente nas emissoras com predomínio de conteúdo musical, boa parte em frequência modulada, é constituída, quando a emissora não possui um programa jornalístico específico, pela transmissão de algumas notícias nos intervalos entre as canções.

O projeto de ensino nas rádios universitárias, inclusive nas instituições particulares com emissoras comerciais, integra o planejamento de uma emissora na mesma proporção do conteúdo tradicional, ou seja, estará presente na programação, intrínseco à cultura do meio. Os elementos se completam já que ambos compreendem que existe uma interação entre a produção interna dos profissionais e o aprendizado dos alunos. Qual

emissora que sobrevive sem música e jornalismo? Neste processo, cabe à universidade concretizar o espaço radiofônico como rádio universitária.

A consolidação ocorre quando o estatuto da universidade prevê a criação da emissora de rádio como um canal possível para o ensino em comunicação social. Formaliza-se uma cultura que instrumentaliza o aluno através do universo radiofônico. Desta forma, a equipe da rádio começa a observar o estudante como sujeito do processo e não como um estranho que atrapalha (ou compete) com os profissionais da emissora, sendo estes também colocados na posição de “professores da prática”, que completam o trabalho acadêmico e auxiliam o futuro comunicador.

Um projeto sólido de Rádio Universitária torna-se sustentável quando os professores e profissionais de rádio estão imbuídos do mesmo propósito, tendo como finalidade a formação de um aluno criativo, crítico, responsável e aberto, que observe as pessoas como parceiras na construção do saber, se valendo de um jornalismo:

1. Flexível: a programação é, propositadamente, aberta, com a possibilidade de inserção de outras produções desvinculadas da grade da emissora. A rotina é constantemente quebrada com as novidades advindas dos alunos que, ao mesmo tempo, conduzem as pautas para programas fixos conforme cronograma preestabelecido junto com o professor, assim como elaboram conteúdos livres fora do planejamento, estabelecendo uma possibilidade para a experimentação;

2. Alternativo: todas as produções são, constantemente, avaliadas por meio de um diálogo contínuo envolvendo professores, alunos e profissionais da emissora, e, se possível, pelos ouvintes, pesquisadores e outros interessados. A prática é conduzida pelo desafio em estabelecer pautas alternativas que discutam os assuntos do cotidiano, com o intuito de construção de um mundo melhor, sem falsear o processo de ensino pelo fazer por fazer, em que um engana o outro;

3. Transparente: a honestidade como fundamento daquilo que será transmitido, formando o aluno como um comunicador responsável diante do conteúdo e da abertura do meio. A ideia permanente do ser atuante, em constante movimento, livre e respeitoso para com os demais integrantes do processo. O convívio com os colegas no sentido de evitar o isolamento. Valores permanentes para a integração e valorização do aluno como profissional de comunicação, sem a ilusão de práticas laboratoriais que desvirtuam o aprendizado, como a simples leitura de textos prontos no microfone ou até as falsas promessas de contratação.

Reflexões

O único poder do jornalista é a intenção de transformar o mundo, de melhorar as situações de constrangimento em que vive o povo brasileiro, de se rebelar contra a humilhação de conviver com a espera (nas filas dos hospitais ou causadas pela burocracia), com a sujeira (do lixo jogado na rua ou do jogo político), com a falsa ilusão (de uma escola de qualidade ou de uma justiça ágil e imparcial), com a dor (da violência), com a intenção das pessoas em se dar bem pelo dinheiro e poder que destroem as oportunidades de igualdade num país de desiguais.

Consciências estudantis para o desenvolvimento de pautas que revelem o cotidiano e permitam o debate em torno da construção de um país melhor. O sentimento de transformação por meio da cultura do pensar o presente. Dizeres do fato recontado pela perplexidade do repórter que não deseja mais o mundo dos grandes jornais, dominados pela padronização das notícias superficiais que, sem respostas, repetem-se durante a programação.

Nas ondas da rádio universitária, rebeldia significa humanizar o jornalismo, com a cobertura pela diversidade que aceita o diferente, sem ser indiferente. Uma transformação na estrutura pela oportunidade de contar passado e futuro pelo presente e de conversar com aqueles que ficam mudos,

ignorados pelas outras emissoras. A interação faz o repórter ser um sujeito ativo e bom de papo, que não se fecha entre os muros de uma sala de redação/audição. Ele vai buscar as pessoas pelo convite e pelo convívio, pelo contato com os ruídos do cotidiano.

Agora, o estudante de jornalismo tem a oportunidade de dividir as angústias pela inquietação, pela honestidade do sujeito que tem orgulho em representar o que é público, o que está fora das outras emissoras. Surge a oportunidade de fugir da pauta, de conhecer gente, de conviver com as situações do repórter que alimenta a vida universitária pela sintonia da estação de rádio.